

Edina Lúcia Correia Azevedo

# o teatro BRINCADO na pedagogia do professor

Edina Lúcia Correia Azevedo

# o teatro BRINCADO na pedagogia do professor

São Paulo • 2021 •



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2021 a autora.

Copyright da edição © 2021 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

## CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

### Doutores e Doutoradas

Airton Carlos Batistela <i>Universidade Católica do Paraná, Brasil</i>	Breno de Oliveira Ferreira <i>Universidade Federal do Amazonas, Brasil</i>
Alaim Souza Neto <i>Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil</i>	Carla Wanessa Caffagni <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Alessandra Regina Müller Germani <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Carlos Adriano Martins <i>Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil</i>
Alexandre Antonio Timbane <i>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil</i>	Caroline Chioquetta Lorenset <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Alexandre Silva Santos Filho <i>Universidade Federal de Goiás, Brasil</i>	Cláudia Samuel Kessler <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Aline Daiane Nunes Mascarenhas <i>Universidade Estadual da Bahia, Brasil</i>	Daniel Nascimento e Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Aline Pires de Morais <i>Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil</i>	Daniela Susana Segre Guertzenstein <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Aline Wendpap Nunes de Siqueira <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Danielle Aparecida Nascimento dos Santos <i>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil</i>
Ana Carolina Machado Ferrari <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Delton Aparecido Felipe <i>Universidade Estadual de Maringá, Brasil</i>
Andre Luiz Alvarenga de Souza <i>Emill Brunner World University, Estados Unidos</i>	Dorama de Miranda Carvalho <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>
Andreza Regina Lopes da Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Doris Roncareli <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Antonio Henrique Coutelo de Moraes <i>Universidade Católica de Pernambuco, Brasil</i>	Elena Maria Mallmann <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
Arthur Vianna Ferreira <i>Universidade Católica de São Paulo, Brasil</i>	Emanoel Cesar Pires Assis <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Bárbara Amaral da Silva <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Erika Viviane Costa Vieira <i>Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil</i>
Beatriz Braga Bezerra <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>	Everly Pegoraro <i>Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil</i>
Bernadette Beber <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Fábio Santos de Andrade <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>

Fauston Negreiros

*Universidade Federal do Ceará, Brasil*

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

Fernando Barcellos Razuck

*Universidade de Brasília, Brasil*

Francisca de Assiz Carvalho

*Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil*

Gabriela da Cunha Barbosa Saldanha

*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*

Gabrielle da Silva Forster

*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Guilherme do Val Toledo Prado

*Universidade Estadual de Campinas, Brasil*

Hebert Elias Lobo Sosa

*Universidad de Los Andes, Venezuela*

Helciclever Barros da Silva Vitoriano

*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais  
Anísio Teixeira, Brasil*

Helen de Oliveira Faria

*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*

Heloisa Candello

*IBM e University of Brighton, Inglaterra*

Heloisa Juncklaus Preis Moraes

*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil*

Ismael Montero Fernández,

*Universidade Federal de Roraima, Brasil*

Jeronimo Becker Flores

*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil*

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

José Luís Giovanoni Fornos Pontifícia

*Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil*

Josué Antunes de Macêdo

*Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil*

Júlia Carolina da Costa Santos

*Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil*

Juliana de Oliveira Vicentini

*Universidade de São Paulo, Brasil*

Juliana Tiburcio Silveira-Fossaluzza

*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*

Julierme Sebastião Moraes Souza

*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

Karlla Christine Araújo Souza

*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Laionel Vieira da Silva

*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Leandro Fabricio Campelo

*Universidade de São Paulo, Brasil*

Leonardo Jose Leite da Rocha Vaz

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*

Lídia Oliveira

*Universidade de Aveiro, Portugal*

Luan Gomes dos Santos de Oliveira

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

Luciano Carlos Mendes Freitas Filho

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

Lucila Romano Tragtenberg

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil*

Lucimara Rett

*Universidade Metodista de São Paulo, Brasil*

Marceli Cherchiglia Aquino

*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*

Marcia Raika Silva Lima

*Universidade Federal do Piauí, Brasil*

Marcos Uzel Pereira da Silva

*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

Marcus Fernando da Silva Praxedes

*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil*

Margareth de Souza Freitas Thomopoulos

*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

Maria Angelica Penatti Pipitone

*Universidade Estadual de Campinas, Brasil*

Maria Cristina Giorgi

*Centro Federal de Educação Tecnológica*

*Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria de Fátima Scaffo

*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

Maria Isabel Imbroni

*Universidade de São Paulo, Brasil*

Maria Luzia da Silva Santana

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil*

Maria Sandra Montenegro Silva Leão

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil*

Michele Marcelo Silva Bortolai

*Universidade de São Paulo, Brasil*

Miguel Rodrigues Netto

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil*

Nara Oliveira Salles

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

Neli Maria Mengalli

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil*

Patricia Biegging

*Universidade de São Paulo, Brasil*

Patrícia Helena dos Santos Carneiro  
*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

Patrícia Oliveira  
*Universidade de Aveiro, Portugal*

Patricia Mara de Carvalho Costa Leite  
*Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil*

Paulo Augusto Tamanini  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Priscilla Stuart da Silva  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Radamés Mesquita Rogério  
*Universidade Federal do Ceará, Brasil*

Ramofly Bicalho Dos Santos  
*Universidade de Campinas, Brasil*

Ramon Taniguchi Piretti Brandao  
*Universidade Federal de Goiás, Brasil*

Rarielle Rodrigues Lima  
*Universidade Federal do Maranhão, Brasil*

Raul Inácio Busarello  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Renatto Cesar Marcondes  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Ricardo Luiz de Bittencourt  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Rita Oliveira  
*Universidade de Aveiro, Portugal*

Robson Teles Gomes  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Rodiney Marcelo Braga dos Santos  
*Universidade Federal de Roraima, Brasil*

Rodrigo Amancio de Assis  
*Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil*

Rodrigo Sarruge Molina  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

Rosane de Fatima Antunes Obregon  
*Universidade Federal do Maranhão, Brasil*

Sebastião Silva Soares  
*Universidade Federal do Tocantins, Brasil*

Simone Alves de Carvalho  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Stela Maris Vaucher Farias  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Tadeu João Ribeiro Baptista  
*Universidade Federal de Goiás, Brasil*

Tania Micheline Miorando  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Tarcísio Vanzin  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Thiago Barbosa Soares  
*Universidade Federal de São Carlos, Brasil*

Thiago Camargo Iwamoto  
*Universidade de Brasília, Brasil*

Thyana Farias Galvão  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

Valdir Lamim Guedes Junior  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Valeska Maria Fortes de Oliveira  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues  
*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil*

Vania Ribas Ulbricht  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Wagner Corsino Enedino  
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil*

Wanderson Souza Rabello  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Washington Sales do Monte  
*Universidade Federal de Sergipe, Brasil*

Wellington Furtado Ramos  
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil*

## PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

### Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Adilson Cristiano Habowski  
*Universidade La Salle - Canoas, Brasil*

Adriana Flavia Neu  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Aguimario Pimentel Silva  
*Instituto Federal de Alagoas, Brasil*

Alessandra Dale Giacomini Terra  
*Universidade Federal Fluminense, Brasil*

Alessandra Figueiró Thornton  
*Universidade Luterana do Brasil, Brasil*

Alessandro Pinto Ribeiro  
*Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil*

Alexandre João Appio  
*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil*

Aline Corso  
*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil*

Aline Marques Marino  
*Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Brasil*

Aline Patrícia Campos de Tolentino Lima  
*Centro Universitário Moura Lacerda, Brasil*

Ana Emidia Sousa Rocha  
*Universidade do Estado da Bahia, Brasil*

Ana Iara Silva Deus  
*Universidade de Passo Fundo, Brasil*

Ana Julia Bonzanini Bernardi  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Ana Rosa Gonçalves De Paula Guimarães  
*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

André Gobbo  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Andressa Antonio de Oliveira  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

Andressa Wiebusch  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Angela Maria Farah  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Anísio Batista Pereira  
*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

Anne Karynne da Silva Barbosa  
*Universidade Federal do Maranhão, Brasil*

Antônia de Jesus Alves dos Santos  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

Antonio Edson Alves da Silva  
*Universidade Estadual do Ceará, Brasil*

Ariane Maria Peronio Maria Fortes  
*Universidade de Passo Fundo, Brasil*

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior  
*Universidade do Estado da Bahia, Brasil*

Bianca Gabrieli Ferreira Silva  
*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*

Bianka de Abreu Severo  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos  
*Universidade do Vale do Itajaí, Brasil*

Bruna Donato Reche  
*Universidade Estadual de Londrina, Brasil*

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Camila Amaral Pereira  
*Universidade Estadual de Campinas, Brasil*

Carlos Eduardo Damian Leite  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Carlos Jordan Lapa Alves  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Carolina Fontana da Silva  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Carolina Fragoso Gonçalves  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Cássio Michel dos Santos Camargo  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil*

Cecília Machado Henriques  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Cíntia Morales Camillo  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Claudia Dourado de Salces  
*Universidade Estadual de Campinas, Brasil*

Cleonice de Fátima Martins  
*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil*

Cristiane Silva Fontes  
*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*

Cristiano das Neves Vilela  
*Universidade Federal de Sergipe, Brasil*

Daniele Cristine Rodrigues  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Daniella de Jesus Lima  
*Universidade Tiradentes, Brasil*

Dayara Rosa Silva Vieira  
*Universidade Federal de Goiás, Brasil*

Dayse Rodrigues dos Santos  
*Universidade Federal de Goiás, Brasil*

Dayse Sampaio Lopes Borges  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Deborah Susane Sampaio Sousa Lima  
*Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil*

Diego Pizarro  
*Instituto Federal de Brasília, Brasil*

Diogo Luiz Lima Augusto  
*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil*

Ederson Silveira  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Elaine Santana de Souza  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense  
Darcy Ribeiro, Brasil*

Eleonora das Neves Simões  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Elias Theodoro Mateus  
*Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil*

- Elisiene Borges Leal  
*Universidade Federal do Piauí, Brasil*
- Elizabeth de Paula Pacheco  
*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*
- Eliizânia Sousa do Nascimento  
*Universidade Federal do Piauí, Brasil*
- Elton Simomukay  
*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil*
- Elvira Rodrigues de Santana  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*
- Emanuella Silveira Vasconcelos  
*Universidade Estadual de Roraima, Brasil*
- Érika Catarina de Melo Alves  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*
- Everton Boff  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*
- Fabiana Aparecida Vilaça  
*Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil*
- Fabiano Antonio Melo  
*Universidade Nova de Lisboa, Portugal*
- Fabricia Lopes Pinheiro  
*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*
- Fabício Nascimento da Cruz  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*
- Francisco Geová Goveia Silva Júnior  
*Universidade Potiguar, Brasil*
- Francisco Isaac Dantas de Oliveira  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*
- Francisco Jeimes de Oliveira Paiva  
*Universidade Estadual do Ceará, Brasil*
- Gabriella Eldereti Machado  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*
- Gean Breda Queiros  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*
- Germano Ehlert Pollnow  
*Universidade Federal de Pelotas, Brasil*
- Glauco Martins da Silva Bandeira  
*Universidade Federal Fluminense, Brasil*
- Graciele Martins Lourenço  
*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*
- Handerson Leylton Costa Damasceno  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*
- Helena Azevedo Paulo de Almeida  
*Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil*
- Heliton Diego Lau  
*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil*
- Hendy Barbosa Santos  
*Faculdade de Artes do Paraná, Brasil*
- Inara Antunes Vieira Willerding  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*
- Ivan Farias Barreto  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*
- Jacqueline de Castro Rimá  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*
- Jeane Carla Oliveira de Melo  
*Universidade Federal do Maranhão, Brasil*
- João Eudes Portela de Sousa  
*Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil*
- João Henriques de Sousa Junior  
*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*
- Joelson Alves Onofre  
*Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil*
- Juliana da Silva Paiva  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*
- Junior César Ferreira de Castro  
*Universidade Federal de Goiás, Brasil*
- Lais Braga Costa  
*Universidade de Cruz Alta, Brasil*
- Leia Mayer Eying  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*
- Manoel Augusto Polastrelli Barbosa  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*
- Marcio Bernardino Sirino  
*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*
- Marcos dos Reis Batista  
*Universidade Federal do Pará, Brasil*
- Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira  
*Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil*
- Michele de Oliveira Sampaio  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*
- Miriam Leite Farias  
*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*
- Natália de Borba Pugens  
*Universidade La Salle, Brasil*
- Patricia Flavia Mota  
*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*
- Raick de Jesus Souza  
*Fundação Oswaldo Cruz, Brasil*
- Railson Pereira Souza  
*Universidade Federal do Piauí, Brasil*
- Rogério Rauber  
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*
- Samuel André Pompeo  
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*
- Simoni Urnau Bonfiglio  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Tayson Ribeiro Teles  
*Universidade Federal do Acre, Brasil*

Valdemar Valente Júnior  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

Wallace da Silva Mello  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Wellton da Silva de Fátima  
*Universidade Federal Fluminense, Brasil*

Weyber Rodrigues de Souza  
*Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil*

Wilder Kleber Fernandes de Santana  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

## PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.



Direção editorial Patricia Biegging  
Raul Inácio Busarello

Diretor de sistemas Marcelo Eyng

Editora executiva Patricia Biegging

Assistente editorial Landressa Schiefelbein

Diretor de criação Raul Inácio Busarello

Assistente de arte Ligia Andrade Machado

Editoração eletrônica Peter Valmorbida

Imagens da capa Rawpixel.com - Freepik.com

Revisão Francisco De Assis Ferreira Gama

Autora Edina Lúcia Correia Azevedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

A994o Azevedo, Edina Lúcia Correia -  
O teatro brincado na pedagogia do professor. Edina Lúcia  
Correia Azevedo. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 107p..

Inclui bibliografia.  
ISBN: 978-65-5939-143-1 (eBook)

1. Educação. 2. Pedagogia. 3. Teatro. 4. Jogos.  
I. Azevedo, Edina Lúcia Correia. II. Título.

CDU: 371.3  
CDD: 370

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.431

---

**PIMENTA CULTURAL**  
São Paulo - SP  
Telefone: +55 (11) 96766 2200  
livro@pimentacultural.com  
www.pimentacultural.com



2 0 2 1



## DEDICATÓRIA

À Deus pelo devaneio de um sonho que iniciou-se há cinco anos, timidamente e ainda com o preceito de que nunca seria possível tal façanha. Mas, é incrível como ele prepara, capacita, disciplina e alimenta espiritualmente a fé dando sabedoria para enfrentar os imensos obstáculos da vida. Hoje e sempre glorificarei e agradecerei pela benção alcançada.

## APRESENTAÇÃO

O enredo contido nesta obra tem a pretensão de socializar com satisfação o resultado de uma pesquisa no curso de mestrado profissional em artes, tendo adotado como meandro norteador uma semana de oficina com a utilização, exclusiva, dos jogos teatrais cantados ou não com mulheres professoras que desenvolvem sua praxe pedagógica numa escola de pequeno porte localizada no município de São Miguel do Guamá, no estado do Pará.

Assim, informamos que a essência da leitura perpassa pelo relato de como os jogos aconteceram e, contudo, como o exercício da experiência no contato com os mesmos oportunizou as jogadoras – professoras, se redescobrirem transformando cada jogo em um ato de brincadeira emanando sentimentos enaltecidos de mudanças ou transformações comportamentais perceptíveis a partir do jogar.

Neste contato, relatamos também a entrega da pesquisadora no entrosamento com os jogos e as professoras ao se permitir atuar ativamente como jogadora trazendo os jogos, as regras dos jogos e as lembranças de experiência pessoal e profissional como determinantes episódios que se fizeram relevante para o processo de construção. Para tanto, a seletividade das experiências acionadas ratificaram a necessidade de determinados cortes, principalmente ao que se constituiu durante a infância levando a pesquisadora a se apropriar do título denominado de “**Caminhos**” para compartilhar fatos adquiridos ao longo da vida pelo exercício da audição materializado pela linguagem do desenho e da poesia. Em seguida, uma “**Apresentação**” mais rebuscada apontando elementos que direcionaram o experimento e as descobertas com o andamento dos encontros ao ser, involuntariamente, conduzido pela expressão, “**Vamos fazer um Círculo?!!**” Tornando

esta ação uma proposta lúdica ilustrativa partindo da pesquisadora ao convidar as professoras a jogar em forma inicialmente de círculo.

Na sequência teremos alguns norteamentos encaminhados na nomenclatura “**Roteiro da Oficina**” ao ser adicionado pelo complemento de acordo com os dias em “**Primeiro Encontro**”; “**Segundo Encontro**”; “**Terceiro Encontro**”; “**Quarto Encontro**” e “**Quinto Encontro**”, referendando os dias consecutivos da semana de segunda a sexta-feira para os registros sendo coordenado pela subdivisão em “**I Etapa**” onde buscou enfatizar a intencionalidade da pesquisadora em cada dia da semana com a oficina; “**II Etapa**” ao socializar cronologicamente cada jogo denominado pelo nome e seletiva dos mesmos e “**III Etapa**” demarcado pela percepção da pesquisadora ao participar ativa e construtivamente de todo o processo da experiência. Na sequência teremos o registro enumerado pelas letras “**a**”; “**b**”; “**c**”; “**d**”; “**e**” indicando a palavra “**Jogo ...**” acrescido do nome do mesmo pontuando a maneira como foi coordenado com as professoras buscando mostrar a letra da música ( de alguns jogos cantados) e imagens ilustrativas infantilizadas pela linguagem do desenho na visão da pesquisadora (a que está de vestimenta de cor amarelo) e das demais professoras (cada uma assume uma vestimenta na percepção infantil da pesquisadora), buscando demonstrar os movimentos sugeridos por cada jogo. E após esta etapa temos a nomenclatura “**Objetivo**” centralizando o que se pretende desenvolver em cada jogo.

E na nomenclatura “**Conversas e Reflexões**” com o subtítulo “**Acordos e Descobertas no Contato com os Jogos**” os devaneios e sentimentos são pontuados a instigar pensamentos brincantes na infância, brincantes na ação da pesquisadora enquanto professora e brincantes na experiência durante o curso de teatro vivenciado na universidade, esta trilogia – expressão usada no decorrer da narrativa dialoga com pensamento advindo da autora em ratificar a relevância das experiências ao longo da vida associado a nova experiência no



exercício da oficina de teatro sobre a companhia das professoras ao trazer algumas falas das mesmas que serão identificadas no texto por signos “A”, “B”, “C”, “D”, “F”, “G” e “Y” para reforçar o papel da eminência das antigas ou novas reflexões que se fazem constantemente e, associado a estrutura do livro propomos ainda um “CD” contendo a gravação de dez jogos cantados (1- bom dia como vai você?, 2 - casa do Zé, 3 - a - e - i - o - u, 4 - yapo, 5 – bom dia com alegria, 6 - ó maninha, 7 – indo eu a caminho de Viseu, 8 - flor do Mamulengo, 9 – pai Francisco, 10 – escravo de Jó), como recurso áudio também didático e pedagógico de aprendizagem ao objetivar socializar as músicas que fizeram parte de determinados jogos e a “Ficha Técnica Musical” com o registro da produção das músicas e recursos (humanos e tecnológicos) utilizados e por fim os “Referenciais” que contribuíram para o mergulho da fonte teórica.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pelo convívio em regozizar, sempre, com alegria de vossas companhias. Cada um com uma personalidade diferente que me faz pensar com carinho na importância do papel afetivo assumido e dependente por cada um. Assim, menciono Maria Madalena dos S. Correia pelo exemplo de mãe que intercede com orações junto a Deus pela guarda e proteção de seus filhos – obrigada mãe! Ao meu esposo Francisco de A. F. Gama pelo amor, respeito e cuidado na relação conjugal de vinte anos de convívio – obrigada amor! Ao meu filho Victor Hugo A. Gama pela calma que resplandece seu ser – obrigado filhote! A minha filha Ana Alice A. Gama pelo espírito aventureiro de coragem, dedicação e persuasão no uso das palavras falada e/ou escrita – obrigada filha! Amo minha família!

## SUMÁRIO

<b>CAMINHOS .....</b>	<b>17</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>23</b>
Capítulo 1	
<b>VAMOS FAZER UM CÍRCULO?!!! .....</b>	<b>31</b>
<b>ROTEIRO DA OFICINA DO PRIMEIRO ENCONTRO .....</b>	<b>32</b>
JOGO ABRAÇO DO CORAÇÃO .....	32
JOGO CASA DO ZÉ.....	34
JOGO NOMES RITMADOS.....	35
JOGO A, E, I, O, U .....	37
JOGO YAPO .....	40
<b>ROTEIRO DA OFICINA DO SEGUNDO ENCONTRO .....</b>	<b>43</b>
JOGO BOM DIA COM ALEGRIA.....	43
JOGO Ó MANINHA.....	46
JOGO INDO EU A CAMINHO DE VISEU .....	48
JOGO FLOR DO MAMULENGO .....	50
JOGO PAI FRANCISCO .....	53

**ROTEIRO DA OFICINA  
DO TERCEIRO ENCONTRO..... 55**

JOGO O ESPELHO .....	55
JOGO COELHO SAI DA TOCA.....	56
MOCINHAS NA ESCOLA .....	57
JOGO DAS MÃOZINHAS .....	59
JOGO CAÇA-GAVIÃO .....	60

**ROTEIRO DA OFICINA  
DO QUARTO ENCONTRO..... 61**

JOGO ENVOLVIMENTO EM TRÊS OU MAIS .....	61
JOGO DAS TRÊS MUDANÇAS.....	62
JOGO NÓ HUMANO.....	63
JOGO BATENDO .....	64
JOGO DE BOLA.....	65

**ROTEIRO DA OFICINA  
DO QUINTO ENCONTRO..... 66**

JOGO NINGUÉM É DE NINGUÉM .....	66
JOGO CORRENTE DO BEM.....	67
JOGO PEGA PEGA AGARRADINHO.....	68
JOGO BATATINHA FRITA .....	69
JOGO ECO CRIATIVO.....	70



Capítulo 2

CONVERSAS E REFLEXÕES ..... 72

ACORDOS E DESCOBERTAS  
NO CONTATO COM OS JOGOS..... 73

FICHA TÉCNICA MUSICAL ..... 102

REFERÊNCIAS..... 103

SOBRE A AUTORA ..... 105

ÍNDICE REMISSIVO ..... 106



## CAMINHOS

Revisitando histórias... me faz rememorar caminhos inicialmente escolhidos para mim,

Tracejado por pegadas solitárias no imenso areal quente do sol do meio dia.

Nas longas e largas ruas da pequena cidade do interior,

O caminhar de porta em porta era o lamento desesperador.

De alguém refém da má sorte, cuja juventude era o ofício sustentador.

Neste descuido do acaso a necessidade de continuar o caminhar,  
Era constituído a cada abrigo pelo gesto ofertado.

De um eu dependente e suscetível a emissão do olhar fugaz.

Que dentre tantos, acabara despertando o de alguém,

Mas numa relação é preciso haver consenso para não tornar-se  
dissenso.



Caso as palavras ganham proporção na hesitação,

Proferida não pela lei do batismo cristão, mas pela autoridade do varão.

Ao não convívio dos filhos carnavais pelo matrimônio

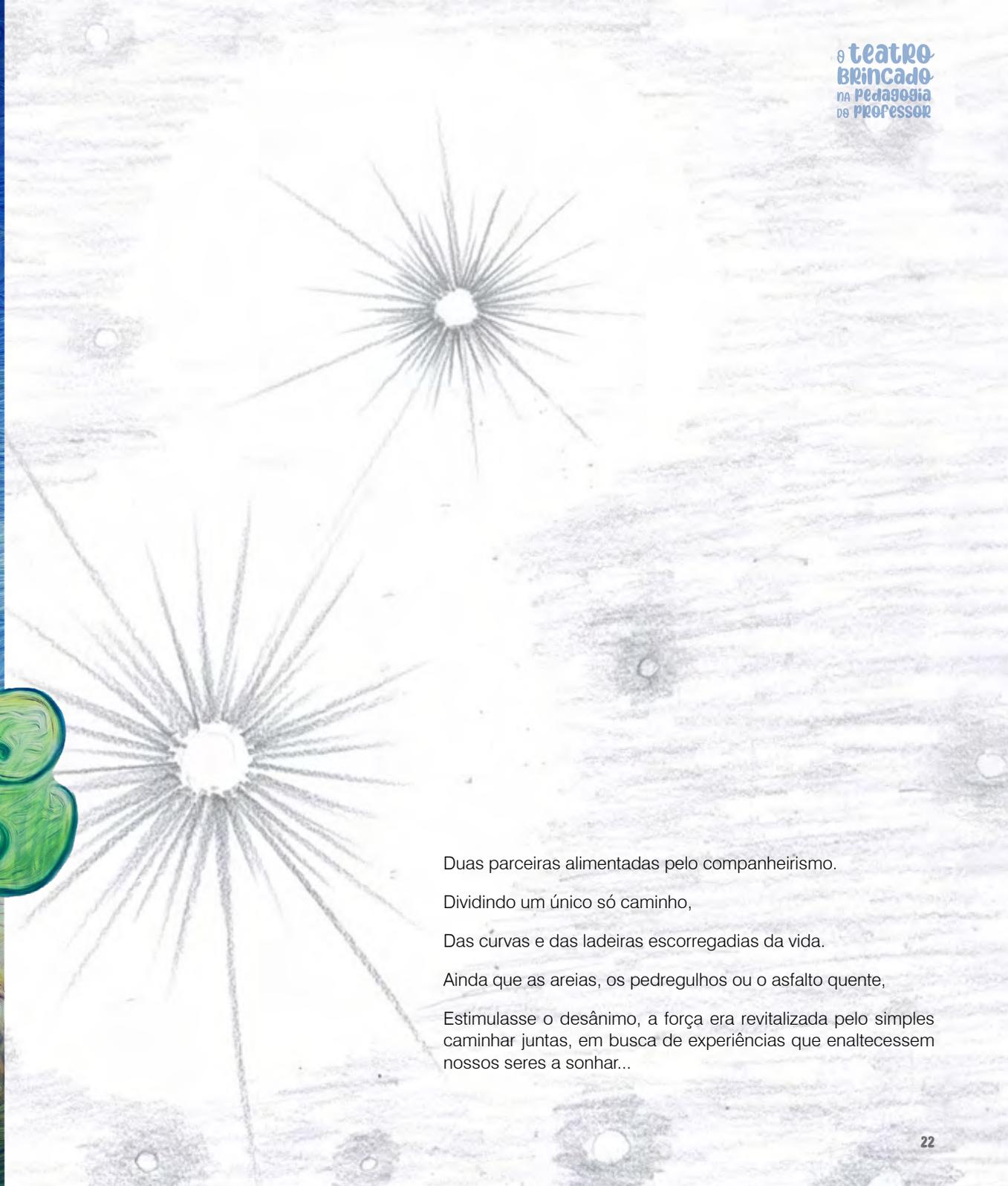
Com a “menina preta”, gerada pela mulher promíscua.

Que pela ordem é convidada a permanecer nas luzentes estradas sem fim.



E entre uma parada e outra, com casebre e famílias diferentes.  
Hei que o caminhar lamentador é convidado a repousar.  
Seguindo novos e antigos percursos,  
Que contemple a companhia de outros.  
Assegurado pela gratidão e sensação do retorno a “liberdade”.

Liberdade! Que também se conquista pela escolha ou pela sorte,  
Acolhido pela simplicidade do gesto forte,  
Que se construiu no instante do primeiro olhar.  
Gerando um cuidar de mim entre quatro... três... e, finalmente dois.

The background of the page is a light-colored, textured surface, possibly paper or fabric, with faint, horizontal lines. Two hand-drawn starburst shapes are the central focus. Each starburst has a white circular center from which numerous thin, dark lines radiate outwards, creating a sunburst or star effect. The lines are slightly irregular, giving them a hand-drawn appearance. The starbursts are positioned in the upper and lower left quadrants of the page.

Duas parceiras alimentadas pelo companheirismo.

Dividindo um único só caminho,

Das curvas e das ladeiras escorregadias da vida.

Ainda que as areias, os pedregulhos ou o asfalto quente,

Estimulasse o desânimo, a força era revitalizada pelo simples  
caminhar juntas, em busca de experiências que enaltecessem  
nossos seres a sonhar...

## APRESENTAÇÃO

O presente caderno surge durante o curso do Mestrado Profissional em Artes pela Ufpa (Universidade Federal do Pará) como um dos resultados da pesquisa “Descortinando o Brincar: o experimento do teatro com as professoras da EMEF Tomáz de Aquino de Oliveira Neto em São Miguel do Guamá- Pa”, cuja essência foi propor no ambiente escolar oficina de teatro para um coletivo de professoras que exercem suas ações pedagógicas com crianças do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental menor.

Para isso, ressalto o quanto foi relevante pensar nos sujeitos da pesquisa a partir da prática pedagógica cotidiana ao buscar desenvolver estratégias que visem o mínimo de “melhoria” na aprendizagem do alunado a partir do que vivenciam e/ou conhece em sua realidade, considerando a ramificação dos problemas que infelizmente não compromete somente o andamento do processo educativo mais em alguns casos a desesperança ao lidar com situações que emergem do contexto da sala de aula.

A este sentimento construído e alimentado no cenário escolar entre as professoras é que me permito enquanto professora da educação básica e pesquisadora refletir sobre o peso da responsabilidade imposta quanto a aprendizagem daqueles que necessitam de orientação educacional, ficando a escola e os profissionais que nela trabalham suprir as lacunas existentes. Verdadeiros artistas e malabaristas não da arte circense ou qualquer outra modalidade artística, mas do exercício árduo que confronta a realidade pelo desdobramento a uma política educacional falha; uma acirrada desigualdade social que evidencia ainda mais o pobre do rico e uma concentração do poder econômico de poucos sobre a vida de muitos.

E neste contexto mais poderíamos mencionar elencando a perda com mais evidencia dos valores pela geração presente ao refletir na escola ou em outro espaço padrão comportamental que desarticula a convivência em sociedade, aliado ao incentivo a uma cultura de violência disseminada e banalizada nos meios de comunicação e nas relações pessoais. Os dados expostos são para que possamos repensar o personagem professor, debilitado e mercê de ações sempre de cima para baixo que descaracteriza e desvaloriza a profissionalização de ser professor(a) com a falsa moralização da salvação da “pátria”.

Se fosse possível promover mudanças efetivas na educação então partiríamos do princípio que o primeiro a ser salvo do caos seria o professor desamarrando as correntes da opressão, da injustiça, da imposição e da incapacidade de exercer com dignidade o exercício da docência ao vivenciar preceitos libertadores mais concretos. Mas, a dialética proposta não é para refletirmos sobre a situação do ensino, nem tão pouco sobre o papel dos professores na atual conjuntura que vivemos perante os caminhos tomados na educação e as desastrosas consequências.

No entanto, o roteiro delineado ao longo da escrita me permite trazer estas inquietações ao compreender que antes de pensar no processo é preciso instigar como as influências políticas, sociais e econômicas afetam o percurso contribuindo com preceitos, métodos ou didáticas a instruir ou orientar os caminhos estratégicos em busca da “qualidade” ou “melhoria” daquilo que conhecemos como educação advinda do banco escolar, logo pontuar por esta vertente permite refletir sobre o “professor produto” gerado pela força do trabalho e estimulado pelas políticas impositivas de resultados. Neste contexto, é que proponho uma análise do profissional da educação que é humano e professor constituído de história subjetiva que não apenas fala de si próprio mais traz vestígios para a identificação da formação adulta que se transformou com a vida e como o reflexo desse ser se mostra

no contexto da sala de aula na formação das crianças do ensino fundamental ao se permitir jogar no jogo teatral.

Assim, desbravar em território da natureza humana é aguçar um conjunto de dispositivos de experimentações à influência do mundo sobre a história que cada um constrói ao longo a vida. Demarcando identidades que difere por "... mapas geopolíticos e, mais do que isso, cartografias de cores de pele, estilos de vida, códigos de comportamentos, classes de consumo, línguas, sotaques, faixa de frequência cultural, etc ..." (ROLNIK, 2008, p.58), contribuindo no lapidar individualizado para a formação do ser que nos tornamos.

Logo, como processo de composição buscar vivencia que reative encontro ou viabilize contato consigo mesmo se faz inerente a refletir sobre o ser que o mundo ajuda cotidianamente a construir. Partindo desse pressuposto, a contribuição dos jogos teatrais de Viola Spolin (2015) e minhas lembranças pessoais foram elementos que possibilitaram identificar nas professoras sensações variadas no fazer acontecer do exercício em grupo deliberando expressividade de si a partir do que não é comum a vida adulta, muito menos ao ambiente da escola obtendo as professoras como jogadoras que normatizaram ou romperam com as regras propondo novas maneiras de agir no jogo.

Em consonância ao envolvimento do 'eu' de cada sujeito na entrega averigui modificação expressa nos comportamentos durante e após a oficina ao se dar através do jogo teatral, reativando um dever de sentimentos que transmitiam alterações no coletivo aparentemente rígido e inflexível a percepção do olhar. Assim as transformações na representatividade em grupo possibilitou a redescoberta da ação do brincar entre adultos ao emitir um estado de alteridade livre de estereótipos ou julgamentos depreciativos que descaracterizasse a espontaneidade na alegria do brincar.

Com isso as brincadeiras imbuídas no jogo do teatro não apenas desmitificaram preceitos a respeito do jogo brincado entre as professoras da escola como reativaram um conjunto de lembranças infantis que compuseram minha história de vida enquanto criança trazendo personagens, lugares e brincadeiras que ratificam a identidade também da “menina preta” ao seguir caminhos que desdobram o percurso tortuoso da vida em relevantes lembranças para a construção contínua do reinventar brincar enquanto adulto e professora.

Rememorando brincadeiras infantis consigo acionar um turbilhão de sentimentos e sensações que contribuíram no prazer de ter (re)vivido as travessuras de criança repensando a atuação adulta e profissional na escola pelo viés do jogo ao transformar-se em brincadeira como um ato educativo, pelo cunho pedagógico que assume, e sobretudo pelas permissões sociais, afetivas e emocionais que engendraram na personalidade de nós professoras ao nos permitir jogar brincar (re)descobrimo a valorização do si e do outro para o processo da aprendizagem e da convivência coletiva.

Assim, o jogo do teatro e seu desdobramento para a brincadeira como uma atividade de construção de autoconhecimento oportunizará perceber que o brincar é uma ação da criança cujo estímulo é essencial. Mas, também, do ser adulto, ao colocar novamente em mais um estado de experiência ao permitir vivenciar sentimentos que diferem das crianças apenas pelo olhar crítico e pouco flexivo que atribuímos em razão da imaturidade em ser, pensar e agir enquanto adulto.

Desta forma, com a intencionalidade de descobrirmos o andamento da oficina de teatro, os depoimentos e os sentimentos estéticos emitidos durante a realização dos jogos por todos os sujeitos (coordenadora da oficina e professoras) é que descreverei o processo a partir dos jogos selecionados direcionando cada dia da oficina pela nomenclatura encontros, totalizando 5 (cinco) onde 5 (cinco) jogos ocorreram seguindo as coordenadas em: nome do jogo;

objetivo do jogo; tipo de jogo (relaxamento, integração, sensibilização, descontração); descrição do jogo e das professoras durante aplicação e envolvimento das mesmas; os preceitos estéticos das professoras e por fim os depoimentos após o jogo em roda de conversa.

Também menciono que nesse processo de construção da escrita a linguagem da poesia foi um dos recursos que contribuiu para trazer as lembranças que guardo em minha memória respeitando a inicial história de vida que fala de mim, partindo do incerto e dos inconstantes acasos para a futura sorte que somente o tempo revelaria. Assim percebendo, sentido e vivendo tudo o fora permitido enquanto criança no espaço da casa, da rua ou nos quintais dos terrenos alheios instigam saudosas lembranças das aventuras da menina sapeca que se transformou em mulher e que aos poucos vai tornando o sonho em realidade ao trilhar por caminhos imagináveis para a formação da artista professora que hoje é.

Logo, espero que o meandro tomado possa evidenciar a relevância das ações infantis que trago para a ação da artista professora que me tornei aliado aos jogos teatrais na escola instigando professoras a si redescobrirem pela arte do jogo fazendo emergir experiências que encontre na ação do brincar valores muito mais significativos para a contínua formação enquanto humano/professor(a) da educação básica.

Por conseguinte, ressalto que o caminho permeado ao longo desta pesquisa sempre levantaram inquietações a respeito do destino traçado, pois as incertezas surgidas com as vielas, curvas e expressões do tipo “segue adiante” me fizeram perceber a grandiosidade que cada percurso escolhido me possibilitou viver. Descobrimo simplesmente que não existe caminho certo muito menos o errado, mas caminhos que direcionam e conduzem a lentidão ou rapidez das passadas para se chegar ao destino almejado e, nesta viagem de caminhos diversos quase sempre com destinos programados ou não me aventurei ao lado de pessoas que me fizeram experienciar a doçura da prática da

vida, buscando caminhos de infâncias que levaram minha imaginação a levantar voos ao trazer as brincadeiras geradas por um estado de criança que hoje lembro e trago como relevante indutor da artista/professora, mais também filha/esposa e mãe ao desvelar a identidade ou identidades no encontro com mulheres/professoras/artistas do cotidiano escolar que se permitem também ao voo pelo caminho brincado.

E, na busca por imagens ou sons que revigoram *minhas raízes crianceiras*<sup>1</sup> traçado por lembranças repletas de peraltices brincadas na infância vou recriando o ressurgimento de cenários compostos por atores/crianças que se apropriavam do grande palco/rua para encenarem a peça/brincadeira, gerando um espetáculo com elementos cênicos inusitados que se reinventavam a cada cena pelo voo imaginário da trupe. E num estilo arena, minha casa de madeira coberta por palha foi por um imenso tempo infantil o lugar reservado ao espectador/público composto geralmente por mulheres/mães que todas as tardes sentadas na estreita escada de madeira ou debruçadas sobre a janela assistiam/conversavam sobre seus cotidianos e/ou sobre nossas ações aventureiras (re)criadas a cada apresentação ao entardecer.

Inspirada na fonte das brincadeiras que constituíram a fase inicial e que diretamente influenciam ainda hoje meu ser inacabado a admitir a necessidade de sempre agir na contramão do tempo cronológico, ainda que a fragilidade do corpo e a criatividade imaginativa denunciem apontando limites ou preceitos pejorativos constituídos por passos racionais mais ponderados. Mesmo estremada pela realidade, a fuga por lembranças que trazem reminiscências dos sabores degustados; dos aromas cheirados; das aventuras desbravadas e da emissão de um imaginário capaz de sentir as nuvens do céu me levam a ter a menina criança com suas brincadeiras pulsantes dentro de mim ao salientar que o jogo teatral brincado pode ser o reencontro do adulto com sua própria criança internalizada.

<sup>1</sup> **Minhas Raízes Crianceiras:** expressão utilizada por Manuel de Barros em Memórias Inventadas ao bordar as histórias de sua infância (BARROS, 2008, p. 11).

Que brinca sozinho ou acompanhado, com brinquedo ou sem brinquedo, de correr ou de estátua! São realmente muitas variantes na ação do jogo do brincar coordenado pelos acordos ou desacordos sempre que uma transgressão romper com a normativa, colocando em pauta novos preceitos imaginários e um contínuo fazer de conta que não difere das “crianças” que se permitem a jogar.

Descortinando o jogo num brincar em grupo, inicialmente, fomos afirmando a identidade dos jogos teatrais brincados em roda a fim de reforçar a relação de companheirismo e confiabilidade que surgira aos poucos ao musicalizar corpos e vozes que gradativamente harmonizaram-se pela simplicidade dos gestos emanados espontaneamente. Assim, nos permitindo, agindo no jogo, recriando possíveis acordos, nos descobrindo, fomos galgando caminhos que trilhamos pela ludicidade ao compartilhar vivências experienciais que ocasionalmente apresentaram uma relação com nossa prática pedagógica para o contexto escolar.

Sensível às professoras e aos encontros promovidos pela oficina de teatro comento que o registro dos jogos ocorridos durante o exercício assumirá uma essência lúdica visual com imagens e dobraduras objetivando exemplificar a compreensão do jogo, das minhas lembranças vividas com cada jogo e, principalmente, das professoras quando realizaram o jogo deixando fluir o que tinham de verdade ao transmitir sentimentos que nas entrelinhas da comunicação coletiva se apresentou como uma das características constituída na personalidade quando se entregavam aos jogos teatrais pela essência do brincar.

E jogando brincando ou brincando jogando a partir dos jogos teatrais, estando na companhia das professoras também descobrir caminhos que me permite viver o presente buscando o passado com lembranças que tocam e dizem de mim pela via das palavras e o que não couber no registro da escrita, a linguagem abstrata do desenho se responsabilizará em recortar ou recontar outras histórias estimulando o leitor a imaginar outras lembranças a recordar.

Então, nos encontraremos nos caminhos aventureiros tomando voos imaginários ... nos permitindo devanear construindo possibilidades criativas de estimular o jogo do teatro pelo pensar.

Então, foi assim que ... !

Agora vamos ... ?!

Aqui podemos ... !

Só preciso ...

The background is a textured, painterly illustration. The sky is a deep, swirling blue with several large, circular, yellow-green swirls. The ground is a mix of green and brown, with three stylized trees that have green, swirling foliage and brown trunks. In the bottom left corner, there is a simple wooden fence structure.

Capítulo 1

Vamos  
fazer um  
círculo?!!!

## ROTEIRO DA OFICINA DO PRIMEIRO ENCONTRO

**I Etapa (intencionalidade com a oficina)** – possibilitar um encontro que permitisse ao grupo de professoras experienciar a linguagem do teatro através do exercício dos jogos teatrais pela prática do fazer.

**II Etapa (nome dos jogos)** – jogo abraço do coração; jogo casa do Zé, jogo nomes ritmados; jogo a, e, i, o, u e jogo do yapo.

**III Etapa (percepção da coordenação)** – os registros das coordenadas realizadas em cada jogo parte do que foi entendido, visualizado e percebido a partir da maneira de jogar pelo grupo, ainda muito timidamente na exposição das professoras enquanto sujeito/jogadora no encontro inicial.

### α JOGO ABRAÇO DO CORAÇÃO

**OBJETIVO:** permite quebrar o gelo, criar um clima de descontração, distração e permissão de si mesmo no jogo e no contato com o outro.

Dividi os componentes em dois grupos para fazer círculos, com um dentro e outro fora com igual número de sujeitos entre os dois. Assim, para o início do exercício entoar a cantiga procurando olhar nos olhos da parceira a frente com o desejo de um bom dia com os dedos indicadores em direção à pessoa e em seguida bate duas palmas com as próprias mãos e duas vezes palmas nas mãos da companheira da frente, finalizando com um abraço entre as professoras dos dois círculos de modo que os membros superiores aproximem os troncos das parceiras ao realizar o gesto final – o abraço.



- Bom dia! Como vai você?  
Meu amigo como é bom te ver.  
Palma, palma, mão com mão o abraço do coração! (Lembranças  
das experiências vividas na graduação de Teatro: 2010 - 2013)



**CENA 1:**  
- Bom dia! Como vai você?  
Meu amigo como é bom te ver.



**CENA 2:**  
Palma, palma,



**CENA 3:**  
mão com mão



**CENA 4:**  
o abraço do coração!

Assim, este movimento simples e de fácil compreensão deve se repetir com outros parceiros ao ser realizado com movimento anti-horário entre os dois círculos tornando possível o abraço entre todos.

## b JOGO CASA DO ZÉ

**OBJETIVO:** quebrar o gelo, ainda, do primeiro contato, trabalhar a atenção, lateralidade e estimulação a oralidade pelo gesto do cantar.

Em círculo com todos os jogadores os gestos são acionados de acordo com a letra da música (ver abaixo). Assim o movimento contínuo será bater duas vezes as mãos com palmas fortes e elevando um pouco a perna direita para cima para bater o pé no chão, seguido de um giro no próprio lugar com o corpo emitindo movimentos como se estivesse dançando. E a partir dessa etapa a realização de cada direcionamento ocorrerá de acordo com as palavras indicadoras (barriga, abraço, cafuné, beijo e outros que podem ser criado e acordado entre os jogadores), para fazer-se cumprir os gestos com vários parceiros do jogo.

Logo, cada palavra será o indutor para a realização dos movimentos que deve ser repetido duas vezes, até retornar novamente ao começo da música para iniciar e assim redescobrir novas palavras que possa permitir ao grupo articular novos movimentos entre si, sempre estimulado pelo tato ou olhares na roda cantada.

- Bater mão, bater o pé.
- Para entrar na casa do Zé (Refrão)
- Mas, você tem que pegar na barriga de alguém.
- Mas, você tem que dar um abraço em alguém.
- Mas, você tem que fazer o cafuné em alguém.
- Mas, você tem que dar um beijo em alguém. (Lembranças das experiências no ambiente escolar no exercício da docência).





CENA 1:  
- Bater mão.



CENA 2:  
- bater o pé.



CENA 3:  
- Para entrar na casa do Zé



CENA 4:  
- Mas, você tem que pegar na barriga de alguém.



CENA 5:  
- Mas, você tem que dar um abraço em alguém.



CENA 6:  
- Mas, você tem que dar um beijo em alguém.



CENA 7:  
- Mas, você tem que fazer o cafunê em alguém.

## C JOGO NOMES RITMADOS

**OBJETIVO:** estimular a criatividade em grupo, o papel da construção do diálogo no exercício do ver, ouvir e perceber o outro como parte integrante do todo.

Respeitando a particularidade e o tempo do grupo o próximo jogo chama-se “Nomes Ritmados”. Com efeito, os nomes dos participantes serão os elementos para a criação do trabalho em equipe correspondente inicialmente a divisão em subgrupos, que podem ser dois; três ou dependendo do quantitativo de pessoas, com igual número de jogadores que devem seguir uma sequência somente com o primeiro nome de cada membro do grupo sem interrupção, entoado por um ritmo musical dado e um gesto corporal criado com movimentos livres de modo a expressar a harmonia e cronicidade coletiva. É preciso dar um tempo aos grupos para criar e ensaiar os movimentos propostos pelo grupo. Assim, com o tempo predeterminado, entre dez a quinze minutos todos os grupos se reúnem para expor as criações formadas.



CENA 1:  
- A...!



CENA 2:  
- Li...!



CENA 3:  
- Ce...!



CENA 4:  
- Re...!



CENA 5:  
- Na...!



CENA 6:  
- Ta...!

**OBSERVAÇÃO:** Os desenhos buscam demonstrar a sequência de dois nomes pensados no dia do exercício. Concomitante aos gestos corporais criados. Portanto, a sonorização das sílabas dos nomes mais os movimentos podem ser criados num tempo interrupto anunciando os nomes de todos os componentes do grupo.

## d) JOGO A, E, I, O, U

**OBJETIVO:** despertar a ideia de integralidade estando em grupo, fixação da lateralidade, movimentação do corpo e conhecimento da música cantada.

Para compreender o jogo devemos a princípio socializar a música (CD música 04), em círculo com todos em pé, em seguida acrescenta movimentos ao corpo com maior ênfase para os membros superiores e expressões faciais, ou seja, para fazer o som e a imagem das vogais. Assim, com a pronúncia de cada vogal deve ser articulado um gesto referente a letra cantada, pois:

- na letra A, os dois membros superiores se elevavam para o alto da cabeça com a união das duas mãos formando a configuração de um triângulo, mais a pronúncia da letra cantada.
- na letra E, o tronco, cabeça e membros superiores levemente flexionados devem se curvar para a direita, somado a teatralidade facial no pronunciamento da vogal cantada.
- na letra I, o membro superior direito com a mão fechada se ergue para o alto da cabeça acrescido da teatralidade facial ao formar bico com os lábios para anunciar a letra em destaque.
- na letra O, os dois membros superiores ficam sobre a região do abdômen formando um círculo com os dedos da mão entrelaçados mais a expressão facial da letra cantada.

- na letra U, os membros superiores são voltados para cima da cabeça, levemente flexionados com a palma das mãos abertas e mais uma vez o complemento com a expressão facial no pronunciamento da vogal.

- Procurando bem eu sei que têm no início do amor, eu vejo a;  
- Procurando bem eu sei que no pé do café; eu vejo e,  
- Procurando bem no fim do Piauí; eu vejo i,  
- Procurando bem nas pontas do ovo; eu vejo o,  
- Procurando bem no meio da lua; eu vejo u (pesquisa realizada para preparação das oficinas, MIRABOLANCIAS GRUPO TRIII, em 20 de janeiro de 2017 no site: <https://youtu.be/Fm3SRDPZ600>)



**CENA 1:**  
- Procurando bem eu sei que têm.



**CENA 2:**  
- no início do amor, eu vejo A.



**CENA 3:**  
- Procurando bem eu sei que têm.



**CENA 4:**  
- No pé do café; eu vejo E.



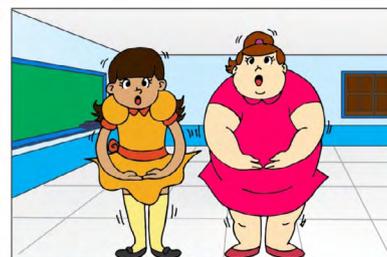
CENA 5:  
- Procurando bem eu sei que têm.



CENA 6:  
- no fim do Piauí; eu vejo I.



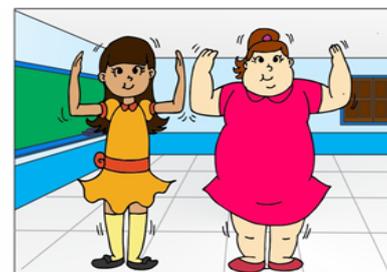
CENA 7:  
- Procurando bem eu sei que têm.



CENA 8:  
- nas pontas do ovo; eu vejo O.



CENA 9:  
- Procurando bem eu sei que têm.



CENA 10:  
- no meio da lua; eu vejo U.

## e JOGO YAPO

**OBJETIVO:** instigar a coordenação motora grossa, atenção, concentração e compreensão da utilização do espaço dentro da perspectiva de lateralidade e sociabilidade em grupo.

Em círculo, adota-se esta metodologia para permitir ao grupo visibilidade e assimilação dos movimentos a serem socializados para o grupo. Como sugestão afim ilustrativo para ler e para compreender a letra da música deve confeccionar um cartaz para fixar na parede caso os jogadores ainda não conheçam o jogo, o que foi o caso, uma vez que as palavras isoladamente sugerem movimentos a serem executados, ficando exatamente assim:

Letra da música	Movimentos realizados
yapo.	No início da música a palavra yapo é o indutor para bater duas vezes a palma das mãos em cada coxa das pernas.
ia, ia.	No anúncio dessas duas palavras cantadas as mãos são levantadas com os braços cruzados formando um x, e se batem duas vezes na parte do corpo próximo ao ombro.
e, e, e, o.	Os braços são levados para frente do corpo com leve movimento da direita para a esquerda atritando o dedo polegar com o dedo médio a fim de adquirir um som de “estralo” entre os mesmos.

FONTE: Quadro explicativo I: Para compreensão dos movimentos propostos para cada palavra. Criado por Edna Azevedo em 05 de junho de 2017, durante o processo de registro das oficinas de teatro.



CENA 1:  
yapo



CENA 2:  
ia, ia.

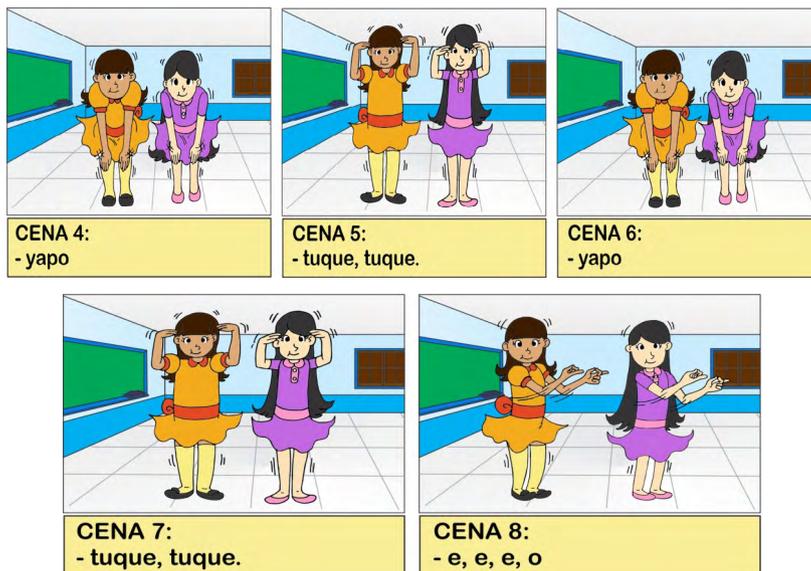


CENA 3:  
e, e, e, o

A letra e os gestos compostos no quadro explicativo I se repetem duas vezes. Para o terceiro momento é acrescentado uma palavra a mais induzindo um novo gesto ficando o conjunto musical e os movimentos com o corpo da seguinte forma:

Letra da música	Movimentos realizados
yapo.	Com as mesmas movimentações de acordo com o primeiro quadro.
tuque, tuque.	As mãos se elevam para a região da cabeça com dois toques na mesma
yapo.	Bate as palmas das mãos duas vezes na coxa das pernas.
tuque, tuque.	Bate novamente com as mãos duas vezes na cabeça.
e, e, e.	Os braços devem ser elevados para frente para emitir o som através dos dedos, com movimento da direita para esquerda.

FONTE: Quadro explicativo II: Continuidade da compreensão dos movimentos propostos para cada palavra. Criado por Edna Azevedo em 05 de junho de 2017, durante o processo de registro das oficinas de teatro.



Com letra fácil de memorizar o jogo com a utilização dos movimentos podem adquirir nuances pela atribuição variante de possibilidade de ocorrer, como por exemplo:

- Acelerar os gestos;
- Cantar assobiando;
- Cantar atribuindo a toda música letra e som do: lá, lá, lá...;
- Finalmente cantar mentalmente sem evidencia de som, apenas realizando os movimentos lento e acelerado gradativamente.

## ROTEIRO DA OFICINA DO SEGUNDO ENCONTRO

**I Etapa (decisões para a oficina)** – dar continuidade ao clima construído no primeiro momento com a realização de jogos que buscassem enfatizar o envolvimento de cada sujeito no processo atuando sempre na coletividade sobre a valorização da individualidade.

**II Etapa (nome dos jogos)** – jogo bom dia com alegria, jogo ó maninha, jogo indo eu a caminho de Viseu, jogo flor do Mamulengo e jogo Pai Francisco.

**III Etapa (percepção da coordenação)** – alguns direcionamentos foram reavaliados no sentido rever o tempo e o espaço para a realização de determinados jogos. Buscando sanar algumas dificuldades ocasionadas pela própria circunstância da proposta da oficina dentro da perspectiva de envolver o grupo numa integralidade.

### α JOGO BOM DIA COM ALEGRIA

**OBJETIVO:** permitir o entrosamento do grupo com a introdução de movimentos que exploram a coordenação, expressividade, agilidade, atenção, foco e concentração enquanto unidade coletiva no jogo.

O exercício do jogo é de acordo com a letra da música “Bom dia com Alegria!” (CD música 06), sendo da seguinte forma:

Com formação de um único e grande círculo, a música deve ser ensinada entoando a melodia devagar para que todos possam acompanhar e aprender a cantar a letra que diz assim:

(1º - verso) Bom dia com alegria!  
(2º - verso) Bom dia pra você e para mim.  
(3º - verso) Bom dia com alegria!  
(4º - verso) E por isso que eu canto assim.

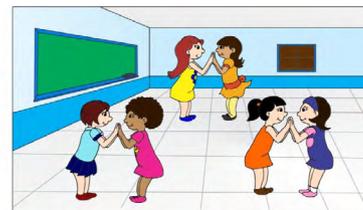
- Batendo os pés,
- Batendo as mãos,
- E cantando essa canção. Hei !!! (Repete a música)



Para o segundo momento, inicia-se com todos de mãos dadas cantando o 1º verso da música e caminhando para o centro do círculo com uma breve parada onde o 2º verso deve ser entoado anunciando que se deve bater na jogadora do lado direito, esquerdo e no 3º verso dando as mãos entre si para tocar mão com mão das jogadoras dos dois lados simultaneamente das parceiras para fechar o círculo andando de costas de modo a abrir o mesmo e por último o 4º verso dar uma parada e voltinha no mesmo lugar sacolejando o corpo no ritmo da música. E finalmente três toques do pé direito no chão seguido de três palmas fortes com as mãos e no último verso da música dando uma volta no mesmo lugar mais a produção de um som pela boca (estalos com a língua) sendo repetidas duas vezes e por final saltando com elevação do corpo e dos braços para cima pronunciando a palavra “hei!” com tom forte.



**CENA 1:**  
- De mãos dadas caminhando para o centro do círculo.  
1º verso - Bom dia com alegria!



**CENA 2:**  
- Bater na mão da jogadora do lado direito.  
2º - verso - Bom dia pra você e para mim



**CENA 3:**  
- Bater na mão da jogadora do lado esquerdo.  
2º verso - Bom dia pra você e para mim.



**CENA 4:**  
- Com as mãos dadas para fazer a roda.  
4º - verso - E por isso que eu canto assim.



**CENA 5:**  
- Dar uma parada e voltinha no mesmo lugar sacolejando o corpo.  
4º - verso - e por isso que eu canto assim.



**CENA 6:**  
- Dar uma parada e voltinha no mesmo lugar sacolejando o corpo.  
- Batendo os pés.



**CENA 7:**  
- Em círculo batendo palmas.



**CENA 8:**  
- Saltando com elevação do corpo e dos braços para cima.  
- E cantando essa canção. Hei !!!

## b JOGO Ó MANINHA

**OBJETIVO:** estimular a psicomotricidade criativa a partir da linguagem corporal ao encadear a atenção, foco e percepção quando se joga no coletivo.

Em círculo começa a cantar (CD música 07) e movimentar da direita para a esquerda ao som do instrumento inicial da melodia e assim que ouvir o canto na música deve-se parar o círculo e teatralizar com bastante dramaticidade a letra cantada se expressando de forma livre para qualquer companheira do jogo emitindo movimentos sugestivos de acordo com a música e direcionando-se para a parceira do jogo procurando olhar no olho da parceira. No refrão bate três vezes as mãos e três vezes o pé direito no chão e na pronuncia da palavra “roda” movimenta o círculo de mãos dadas e ao final escolhendo alguém para abraçar livremente. Todo movimento realizado se repete quantas vezes for entoado a música no jogo.

Você gosta de mim  
Oh maninha  
Eu também de você  
Oh maninha  
Vou pedir a seu pai  
Oh maninha  
Para casar  
com você  
Oh maninha

Se ele disser que sim  
Oh maninha  
Tratarei dos papéis  
Oh maninha  
Se ele disser que não  
Oh maninha  
Morrerei de paixão  
Oh maninha

Palma, Palma, Palma  
Oh maninha  
Pé, Pé, Pé  
Oh maninha  
Roda, Roda, Roda  
Oh maninha  
Abraça quem quiser  
Oh maninha

(Repete toda  
a música)





**CENA 1:**  
- Círculo começa a movimentar batendo palmas.



**CENA 2:**  
- Para o movimento e começa a teatralizar para qualquer jogador.



**CENA 3:**  
- Direcionando-se para a parceira do jogo procurando olhar no olho da parceira.



**CENA 4:**  
- Em círculos batendo novamente as mãos



**CENA 5:**  
- Movimento de bater o pé direito no chão.



**CENA 6:**  
- Fazer o círculo e escolher alguém para abraçar.

## C JOGO INDO EU A CAMINHO DE VISEU

**OBJETIVO:** orientação espacial, agilidade nos movimentos corporais, atenção e integração em grupo

O jogo inicia com todos em círculo entoado pelo som musical (CD música 8), mas, antes propriamente de jogar há necessidade de escolher um parceiro para realizar o movimento em dupla. Definido, inicia-se o movimento da direita para a esquerda em círculo, ou seja, um atrás do outro com passos um pouco acelerados e quando anunciar a letra da música: “encontrei o meu amor, ai Jesus que lá vou eu” (refrão) deve-se parar a roda e ficar um de frente para o outro cruzando braço direito com braço esquerdo da parceira e o mesmo processo com o braço esquerdo com braço direito da mesma companheira, uma espécie de “balancer” como nas tradicionais danças juninas e para o refrão retorna-se a formação do círculo com as mãos dadas entre todos com movimento para direita e, ao pronunciar as palavras “ora truz, truz, truz” o movimento deve ser para a esquerda ao dizer as palavras “ora tráz, tráz, traz” o movimento para dentro do círculo e ao pronunciar as palavras “ora chega, chega, chega” o movimento para fora em “ora arreda lá pra trás”. Após o refrão retorna com os mesmos movimentos realizados no início da música e para a última estrofe continua com movimento circular e ao anunciar a frase “deixei lá o meu amor, o que bem me aborreceu!” realiza movimento de andar abraçando a companheira que está na frente, como um casal de namorados abraçados.

Indo eu, indo eu  
A caminho de Viseu  
Indo eu, indo eu  
A caminho de Viseu  
Encontrei o meu amor  
Ai Jesus, que lá vou eu  
Encontrei o meu amor  
Ai Jesus, que  
lá vou eu!

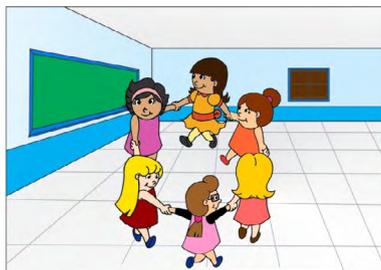
**Refrão**

Ora truz, truz, truz,  
Ora tráz, tráz, tráz,  
Ora chega, chega, chega  
Ora arreda lá p'ra trás

Indo eu, indo eu  
A caminho de Viseu  
Escorreguei, torci um pé  
Ai que tanto me doeu!

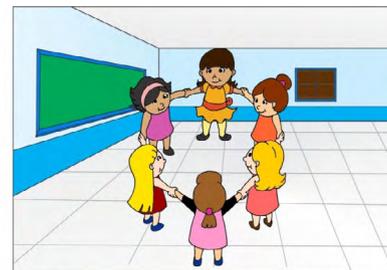
**(Refrão)**

Vindo eu, vindo eu  
da cidade de Viseu  
Deixei lá o meu amor,  
O que bem me  
aborreceu!



**CENA 1:**

- Todos no círculo após ter escolhido o parceiro do jogo.



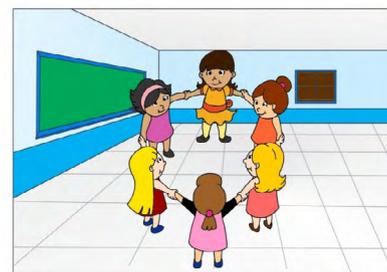
**CENA 2:**

- Quando a música anunciar: "encontrei o meu amor, ai Jesus que lá vou eu". Deve-se parar o movimento do círculo.



**CENA 3:**

- Um de frente para o outro e cruza-se os braços como um balancer entre os dois.



**CENA 4:**

- Retorna ao círculo, atribuindo o movimento para a direita ao ouvir a música dizer: "ora truz, truz, truz".



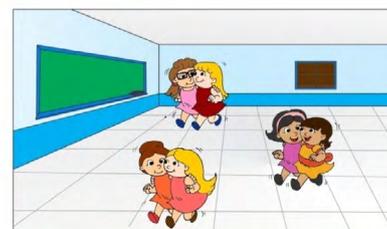
**CENA 5:**  
- Ao ouvir a música anunciar: “ora traz, traz, traz”, o movimento deve ser para o centro do círculo.



**CENA 6:**  
- Ao ouvir a música dizer: “ora chega, chega, chega ora arreda lá para traz”. O movimento deve ser para abrir o círculo.



**CENA 7:**  
- Retorna com o movimento no círculo de mãos dadas.



**CENA 8:**  
- E a música ao anunciar: “deixei lá o meu amor, o que bem me aborreceu!” Caminhar em círculo abraçando o parceiro do lado.

#### d) JOGO FLOR DO MAMULENGO

**OBJETIVO:** estimular a expressividade, interatividade e criatividade na criação individual.

O jogo constitui-se em enfatizar o movimento do corpo de acordo com a letra da música onde membros e expressões faciais devem ocorrer em dupla ou no coletivo buscando relacionar-se com a música e com os parceiros nas inúmeras possibilidades de descobertas (emissões faciais de bravo, triste, dengoso/ emissão de gestos dos braços anunciando a negativa “não” e outros movimentos

no sentido de dar movimento ao corpo de acordo com o andamento da música). Assim, a melodia musical (CD música 9) ira induzir os movimentos a expressividade gestual.

Eu sou a flor do  
mamulengo  
Me apaixonei por  
um boneco  
E ele neco de  
se apaixonar  
Neco de se apaixonar  
Neco de se apaixonar  
E ele neco

E ele neco de  
se apaixonar  
Neco de se apaixonar  
Neco de se apaixonar  
E ele neco

Já estou com os  
nervos à flor do pano  
De desengano,  
vou ter um treco  
E ele neco de  
se apaixonar  
Neco de se apaixonar  
E ele neco

E ele neco de se  
apaixonar  
Neco de se apaixonar  
Neco de se apaixonar  
E ele neco

Se no teatro eu não te atar  
Boneco, eu juro, vou  
me esfarrapar  
Não tem sentido viver  
sem teu dengo  
Meu mamulengo

Se no teatro eu não te atar  
Boneco, eu juro, vou  
me esfarrapar  
Eu não consigo viver  
sem teu dengo  
Meu mamulengo.

E ele neco de se  
apaixonar  
Neco de se apaixonar  
Neco de se apaixonar  
E ele neco

Se no teatro eu  
não te atar  
Boneco, eu juro,  
vou me esfarrapar  
Não tem sentido  
viver sem teu dengo  
Meu mamulengo

Se no teatro eu  
não te atar  
Boneco, eu juro,  
vou me esfarrapar  
Não tem sentido  
viver sem teu dengo  
Meu mamulengo

Se no teatro eu  
não te atar  
Boneco, eu juro,  
vou me esfarrapar  
Eu não consigo viver  
sem teu dengo  
Meu mamulengo





**CENA 1:**  
- Elevando a mão ao queixo, como se tivesse fazendo charminho



**CENA 2:**  
- Se abraçando.



**CENA 3:**  
- Um de frente para o outro apontando o dedo indicador sinalizando a palavra NÃO.



**CENA 4:**  
- Se curvando com os braços e cabeça para baixo.



**CENA 5:**  
- Pulando no mesmo lugar e passando a mão pelo braço com expressão facial de alguém emburrado.



**CENA 6:**  
- Com uma das mãos na testa como se estivesse passando mal.



**CENA 7:**  
- Um de frente para o outro apontando o dedo indicador sinalizando a palavra NÃO.



**CENA 8:**  
- Se curvando com os braços e cabeça para baixo.



**CENA 9:**  
Um pulando o outro pelo braço.



**CENA 10:**  
- Sacolejando todo o corpo e  
balançando a cabeça.



**CENA 11:**  
- De mãos dadas um olhando para o outro.



**CENA 12:**  
- Se abraçando.

## e JOGO PAI FRANCISCO

**OBJETIVO:** estimular a expressão corporal, atenção e envolvimento do grupo na percepção visual.

Em círculo, seleciona um voluntário para ficar de fora do mesmo e começa a cantar a música (CD música 10) os demais ficam na posição de roda batendo palmas e, quando a primeira estrofe da música anunciar assim:

Pai Francisco entrou na roda  
Tocando seu violão  
Da ra rão dão dão (refrão)  
Vem de lá seu delegado  
E Pai Francisco vai pra prisão.



O jogador selecionado entrará na roda ao som de palmas dos demais e quando anunciar a próxima estrofe da música, o jogador no centro do círculo terá que criar requebrados ao corpo e os demais terão que imita ló.



Todo requebrando  
Parece um boneco  
Desengonçado.



**CENA 1:**  
- Em círculo batendo palmas.



**CENA 2:**  
- O jogador de fora entra no círculo e cria um gesto.



**CENA 3:**  
- Todos devem requebrar no plano intermediário e bater as mãos.



**CENA 4:**  
- Todos devem requebrar a cintura e bater as mãos.

**Observação:** O jogador do meio pode criar inúmeras formas de requebrar o corpo e os demais devem seguir os comandos do mesmo.

## ROTEIRO DA OFICINA DO TERCEIRO ENCONTRO

**I Etapa (decisões pensada para a oficina)** – oportunizar outras possibilidades de jogar em grupo enfatizando o exercício dos jogos teatrais como uma atividade prática que exige espontaneidade e improvisação criativa individual e coletiva.

**II Etapa (nome dos jogos)** – jogo o espelho, jogo coelho sai da toca, jogo mocinhas na escola, jogo mãozinhas e jogo caça-gavião.

**III Etapa (percepção da coordenação)** – a união do grupo é um elemento a fomentar no sentido de perceber uma maior integralidade das professoras no fazer o jogo teatral, transformando-o numa atividade de livre expressão com a emissão de sentimentos contagiantes de bem estar.

### α JOGO O ESPELHO

**OBJETIVO:** atenção, foco, criatividade nos movimentos corporais e coordenação motora grossa.

Para realização do jogo é preciso fazer duas filas indianas uma de frente para a outra, com o mesmo quantitativo de pessoas. Assim, o parceiro da frente formará a dupla para o jogo acontecer, sendo que um será o reflexo daquele que criará os movimentos e o outro terá que copiar fielmente os movimentos sugeridos por quem esta direcionando no primeiro momento. Depois revertem os posicionamentos, quem direcionava agora vai realizar os movimentos sugeridos.



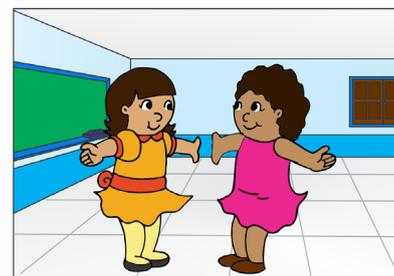
**CENA 1:**  
- Um de frente para o outro elevando a mão como se estivesse pegando algo.



**CENA 2:**  
- Um de frente para o outro batendo a barriga.



**CENA 3:**  
- Um de frente para o outro pulando.



**CENA 4:**  
- Um de frente para o outro abrindo os braços.

## **b** JOGO COELHO SAI DA TOCA

**OBJETIVO:** estimular a imaginação, criatividade, entrosamento, foco e atenção.

Para o jogo acontecer é preciso formar grupo com três pessoas, sendo que dois do trio tem que fazer uma espécie de “casa”, ou seja, um de frente para o outro com os braços erguido segurando ambos as mãos e o terceiro fica no meio entre os dois. Ao centro um voluntário que terá a finalidade de criar um enredo imaginário que pode ser interrompido a qualquer momento sobre a frase “coelho sai da toca”, e ao ouvir a expressão somente quem estiver no meio deve escolher

outra cruzada de braços ou toca para ficar, inclusive o que estava no centro ficando sempre um de fora para as próximas coordenadas. A outra forma de agir no jogo pela pessoa que estiver no centro após a história inventada é utilizando a palavra “terremoto”, indicando que todos no jogo podem se movimentar criando outras possibilidades de atuar, ou seja, quem era coelho pode fazer toca com outro e assim sucessivamente viabilizando a nuance no jogo a partir das expressões utilizadas pelo jogador que vai ao centro.



**CENA 1:**  
- Os trios formados com um jogador ao centro. E o jogador do meio criando uma história



**CENA 2:**  
- O jogador do centro interrompendo a história corre para fazer parte de um trio do jogo.

## c MOCINHAS NA ESCOLA

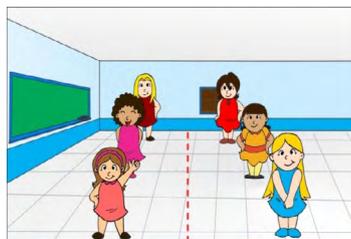
**OBJETIVO:** despertar a criatividade do trabalho em grupo, expressividade, agilidade e concentração.

Dividi em dois grupos (A e B) em mesma quantidade de jogadores. Ficando cada grupo responsável em abordar uma profissão que será socializada ao grupo adversário através de movimentos corporais sem o uso da fala, depois de decidido este primeiro momento a divisão do espaço físico em dois lados demarcando uma linha ao meio. De mãos dadas os grupos se aproximam da linha ao centro pronunciando alternadamente os seguintes versos:

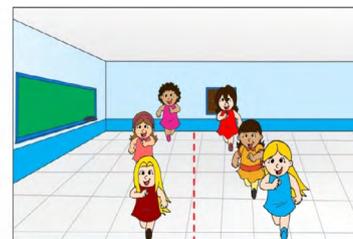
- Somos mocinhas que viemos da escola. (grupo A)
- O que vieram fazer? (grupo B)
- Muitas coisas bonitas. (grupo A)
- Então faz para a gente ver! (grupo B)



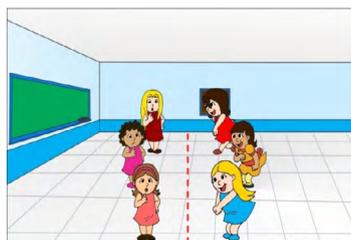
**OBSERVAÇÃO:** A partir deste comando o grupo primeiro demonstra a encenação bem próxima do grupo adversário, separados pela linha no centro, enquanto os membros do mesmo tentam adivinhar a partir do que estão visualizando e quando anuncia a palavra correta da profissão o outro grupo rapidamente tem que se agachar para não ser levado pelo grupo adversário. Assim, na próxima jogada quem toma o direcionamento e o grupo que não estava fazendo os movimentos corporais vencendo o grupo que ao término do jogo ficar com maior quantidade de jogadores.



**CENA 1:**  
- Dividi os jogadores em equipe A e B.



**CENA 2:**  
- Todos devem caminhar em direção a linha do centro anunciado suas frases correspondentes.



**CENA 3:**  
- Um grupo observa enquanto cada pessoa realiza um movimento referente a profissão selecionada.



**CENA 4:**  
Agora inverte a ação, quem observava terá que fazer os movimentos e ao anuncio correto os jogadores devem ficar rapidamente agachados, caso contrário será puxado pela equipe adversária.

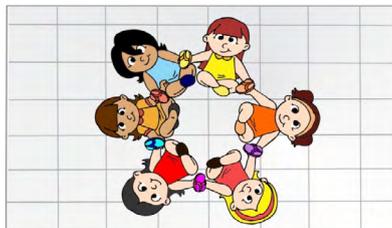
## d JOGO DAS MÃOZINHAS

**OBJETIVO:** desenvolver a percepção espacial, agilidade, coordenação e concentração.

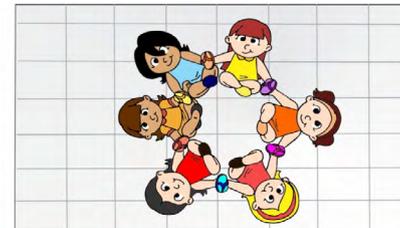
O jogo das mãozinhas exige acordo e tempo para se concretizar no grupo. Assim, todos devem ficar sentados em círculo no chão um próximo do outro para que se possa encontrar harmonia rítmica dos batimentos das mãos. Em seguida se eleva os braços abertos para frente do corpo cruzando-os com os braços das companheiras do lado direito e esquerdo com as mãos abertas apoiadas no chão. Em seguida acrescentamos movimento (devagar e um pouco mais rápido) batendo no chão para passar qualquer objeto que esteja nas mãos dentro do círculo e por último acrescentamos a música escrevo de Jô onde se deve cantar com o movimento das mãos para passar o objeto e ao pronuncia as palavras “zigue – zigue –za” (CD música 10) todos simultaneamente devem bater as duas mãos no chão.

Este é um jogo que pode ser adotado em diversas variações de acordo com o envolvimento, atenção e agilidade do grupo. Podendo os movimentos ocorrerem em sentido horário ou não; com objetos na mão (variados) passando entre si com rapidez ou em um ritmo mais calmo.

Escravos de Jô jogavam caxangá  
Tira, põe deixa ficar.  
Guerreiros com guerreiros fazem zigue zigue za (bis)



**CENA 1:**  
- Todos sentados em círculo com os braços para frente cruzando com os braços dos amigos dos dois lados segurando nas mãos um objeto.



**CENA 2:**  
- Inicia-se o movimento com o objeto no círculo que cada jogador tem em mãos.

## e JOGO CAÇA-GAVIÃO

**OBJETIVO:** desenvolver a agilidade em grupo, expressividade, relação com o espaço e atenção.

Em círculo primeiro escolhe alguém para ser o personagem gavião e que este deve ficar com uma distância dos demais e os outros jogadores serão os caçadores que terão que fazer uma fila indiana com cada um segurando com as duas mãos na cintura do companheiro da frente e para o jogo começar os caçadores anunciam a frase: “- caça-gavião!” e o gavião responde: “- tô com fome!” Em seguida os caçadores individualmente respondem, – quer isso? (mostrando alguma parte do corpo como o pé, barriga, boca, braço e etc, como se estivesse se exibindo) e o personagem gavião responde Não! ou Sim! E quando for “sim” os caçadores devem fugir para qualquer direção sem tirar as mãos da cintura do outro, caso for pego será o próximo gavião.



**CENA 3:**  
- Os jogadores ficam exibindo qualquer parte do corpo para o Caça-gavião.



**CENA 4:**  
- O jogador Caça-gavião corre para pegar qualquer jogador que estava se mostrando sem desfazer o modo inicial do jogo, ou seja, segurando-se pela cintura do jogador da frente.

## ROTEIRO DA OFICINA DO QUARTO ENCONTRO

**I Etapa (decisões pensada para a oficina)** – buscar promover reflexões artísticas pelo exercício do imaginário e da criação coletiva estimulada pelas experimentações com os jogos teatrais.

**II Etapa (nome dos jogos)** – jogo envolvimento em três ou mais, jogo três mudanças, jogo nó humano, jogo batendo e jogo de bola.

**III Etapa – (percepção da coordenação)** – a orientação das coordenadas dos jogos foram momentos reservado ao papel da escuta e da fala ao colocarem percepções variantes e relevantes que contribuíram para o fazer do exercício teatral.

### α JOGO ENVOLVIMENTO EM TRÊS OU MAIS

**OBJETIVO:** estimular a capacidade criativa enquanto grupo, percepção corporal e atenção.

Dividir os jogadores em grupos com quatro ou cinco pessoas e que estes devem ser estimulados a pensar em um objeto (exemplo: carro, corda etc.) para criar uma cena teatral em que todos os membros do grupo devem estar engajados. Estipulado um tempo, cada grupo encena as imagens construídas no coletivo do imaginário para gerar a imagem. Assim, o grupo adversário terá que visualizar a encenação e mencionar do que se trata o objeto pensando pelo grupo, tendo três oportunidades de opinar e depois inverte a situação e ganha o jogo quem acertar mais.

**OBSERVAÇÃO:** como exemplo do exercício do jogo a fim de contribuir no entendimento menciona algumas situações que podem ser construídas para encenação: promesseiros na corda (objeto),

empurrando um carro para pegar o motor (objeto), levantamento de um mastro (objeto) e outros.



**CENA 1:**  
- Dividi os jogadores em duas equipes.



**CENA 2:**  
- Enquanto uma equipe observa a outra realiza os movimentos.



**CENA 3:**  
- Inverte a situação, quem observava agora terá que criar os movimentos.

## b JOGO DAS TRÊS MUDANÇAS

**OBJETIVO:** trabalhar a percepção visual, atenção e o foco.

Para o jogo iniciar dividi a turma em dupla. Assim, o exercício se constitui em observar atentamente, minuciosamente, cada detalhe do corpo, vestimenta, acessório, penteado e outros elementos que julga necessário do companheiro do jogo e após alguns segundos pedem para ficar de costas um para o outro, neste momento cada jogador deve mudar algo na sua aparência (discretamente). Realizado tal efeito, ao anúncio da frase “podem virar” devem se observar para identificar a mudança causada pelo parceiro do jogo.



**CENA 1:**  
- Os jogadores um de frente para o outro observando.



**CENA 2:**  
- Os jogadores devem virar de costas um para o outro e mudar alguma coisa em si.



**CENA 3:**  
- De frente um para o outro buscando identificar as mudanças realizadas.

## C JOGO NÓ HUMANO

**OBJETIVO:** estimular a capacidade de resolver problemas coletivamente, controle da oralidade, orientação corporal e atenção.

Em círculo a finalidade é observar os companheiros do lado direito e esquerdo e em seguida devem andar (livremente) pelo espaço procurando ocupá-lo, ao som da palavra “congela” deve parar, se olhar e tentar pegar nas mãos dos companheiros que estavam no lado direito e esquerdo no início da atividade. Caso não alcançasse as mãos dos mesmos, devem dar três passos para o centro e assim sucessivamente até conseguir pegar a mão do amigo de ambos os lados. Consequentemente o emaranhado de corpos estará feito tendo que ser resolvido pelo grupo sem o uso da palavra nem o desprendimento das mãos, apenas com a observação de possíveis ações para desfazer o nó.



**CENA 1:**  
- Todos em círculo de mãos dadas.



**CENA 2:**  
- Andar livremente pelo espaço.



**CENA 3:**  
- Para de se movimentar e ergue os braços em direção a quem estava do lado direito (braço direito) e quem estava do lado esquerdo (braço esquerdo).



**CENA 4:**  
- Caso não consiga tocar nas pessoas que estavam nos respectivos lados, acrescente três passos para o centro do círculo de modo a tocar nas mãos dos parceiros buscando desfazer o nó realizado.

## d JOGO BATENDO

**OBJETIVO:** instigar a percepção auditiva, atenção e a relação com os objetos a partir dos sons construídos.

Distribuir uma venda de cor preta e solicitar que cada participante coloque em si mesmo de modo que não visualizasse absolutamente nada. Há também a necessidade de fazer silêncio para que os mesmos possam identificar o som produzido por quem conduz o jogo, escolhe um jogador (há necessidade de organizar um quantitativo de objetos capazes de produzirem sons inusitados, por exemplo prego em atrito com o ralador de alumínio, cano sanfona de construção civil, CD quebrando e outros) com a finalidade de aguçar a percepção auditiva dos mesmos e após cada som percebido os jogadores devem adivinhar de que objeto o som e extraído, caso não acerte retornava a produção do som até responderem corretamente.



**CENA 1:**  
- Os jogadores em círculo de olhos vendados. Enquanto um jogador buscará emitir sons de objetos diversos.



**CENA 2:**  
- Em silêncio tentaram adivinhar o som produzido.



**CENA 3:**  
- O jogador que adivinhar troca de posição e terá que produzir novos sons.

## e JOGO DE BOLA

**OBJETIVO:** desenvolver a expressividade corporal e facial, imaginação, criatividade e atenção.

Fazer um círculo com os jogadores aonde se deve trabalhar com o objeto imaginário “bola” e na ação do jogar cada participante propõe com a ação do corpo como é esta bola (bola de gude, bola grande pesada, bola de bilhar e etc.) a partir do recebimento ou lançamento do objeto no exercício do jogo em roda. A visualização e atenção no jogo é um fator relevante para a experiência com o objeto imaginário.



**CENA 1:**  
- Todos os jogadores devem ficar em círculo.



**CENA 2:**  
- Jogador propondo lançar uma bola pesada.



**CENA 3:**  
- Jogador lançando a bola imaginária e o outro jogador já recebendo um outro tipo de bola imaginária.

## ROTEIRO DA OFICINA DO QUINTO ENCONTRO

**I Etapa (decisões pensada para a oficina)** – compartilhar práticas de jogos teatrais, tornando o conhecimento popular no contexto escolar a partir de experiências vivida pelo corpo ao despertar sensações sensitivas.

**II Etapa (nome dos jogos)** – jogo ninguém é de ninguém, jogo corrente do bem, jogo pega pega agarradinho, jogo batatinha frita e jogo eco criativo.

**III Etapa (percepção da coordenação)** – socializar o quão é relevante compartilhar a vivência pela linguagem do teatro, permitindo conhecer, dialogar, dividir e refletir sobre a continuidade de ações que sempre valem a pena se aventura.

### α JOGO NINGUÉM É DE NINGUÉM

**OBJETIVO:** estímulo a criatividade, trabalho com diversas formas de atuação corporal, agilidade e integração do grupo.

Fazer um círculo e pedir para cada jogador escolha um parceiro para formar dupla os quais jogaram seguindo as orientações de um jogador que ficará no centro com a finalidade de coordenar os comandos do jogo ao tomar os seguintes direcionamentos. Pé com pé; barriga com barriga; cabeça com cabeça e assim sucessivamente com outros encaminhamentos possíveis. Quando o jogador do centro desejar interromper com a ação dos dois parceiros que estão seguindo as orientações a mesma anuncia, a qualquer momento, a frase: “ninguém é de ninguém!” E ao ouvir a expressão todos devem trocar de parceiros e o coordenador/jogador também deve procurar se engajar formando uma dupla, sendo que sempre ficará um sem par para a continuidade dos comandos que podem variar de acordo com a criatividade de cada um.



**CENA 1:**  
- Todos em círculo em dupla. Com um jogador no centro.



**CENA 2:**  
- Ao comando do jogador do centro todos devem realizar os movimentos em conjunto com sua dupla em pé com pé.



**CENA 3:**  
- O comando modifica ao anunciar barriga com barriga.



**CENA 4:**  
- E ao anunciar: - Ninguém é de ninguém! Devem procurar outro jogador para fazer dupla. Ficando outro jogador no centro para direcionar novos comandos.

## b JOGO CORRENTE DO BEM

**OBJETIVO:** orientação espacial, agilidade corporal coletiva, e destreza nas decisões em conjunto.

Para o desenvolvimento do jogo a corrente do bem é preciso inicialmente escolher um jogador para ser o “pegador”, ou seja, este terá a finalidade de correr atrás dos demais que tentarão fugir do mesmo. Mais ao toque em qualquer parte do corpo se unirá com uma das mãos para ajudar a pegar outros jogadores e assim sucessivamente até que nenhum jogador fique de fora, formando uma grande corrente de jogadores ao toque firme das mãos dadas.



**CENA 1:**  
- Delegar um jogador para ser o "pegador" e os demais precisam correr para não ser pego.



**CENA 2:**  
- O pegador ao tocar nos jogadores devem se unir de mãos dadas para pegar os demais.



**CENA 3:**  
- De mãos dadas, formando um grande corrente para pegar o último jogador livre.

## C JOGO PEGA PEGA AGARRADINHO

**OBJETIVO:** incentivo a percepção auditiva, capacidade de concentração e coordenação em grupo.

Para realização do jogo seleciona um jogador que deve ficar com os olhos vendados localizado no centro aonde o jogo ocorrerá. Os demais jogadores devem formar dois grupos em extremidades opostas ao centro, sendo que os membros dos grupos devem ficar um atrás do outro segundo pela cintura do jogador a frente. Assim, em estado de silêncio, totalmente, devem se movimentar pelo espaço sem que o jogador de olhos vendados perceba e caso sejam tocados, qualquer um do grupo o jogador da frente será o próximo a ficar no centro.



**CENA 1:**  
- Todos em círculo em dupla. Com um jogador no centro.



**CENA 2:**  
- Ao comando do jogador do centro todos devem realizar os movimentos em conjunto com sua dupla em pé com pé.



**CENA 3:**  
- O comando modifica ao anunciar barriga com barriga.



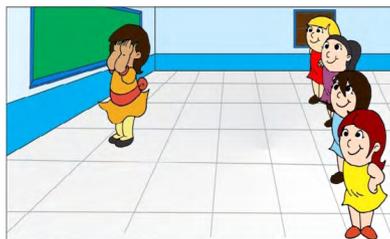
**CENA 4:**  
- E ao anunciar: - Ninguém é de ninguém! Devem procurar outro jogador para fazer dupla. Ficando outro jogador no centro para direcionar novos comandos.

**OBSERVAÇÃO:** O jogo pega pega agarradinho é um desdobramento realizado pela pesquisadora a partir do jogo a corrente do bem.

#### d) JOGO BATATINHA FRITA

**OBJETIVO:** despertar a agilidade, concentração e destreza nos movimentos corporais.

Dentre os jogadores escolhe um que será o coordenador do jogo. Assim, os demais formam uma fila indiana que será o ponto de partida a caminhar em direção ao coordenador e o mesmo deve ficar a uma distância de dez ou quinze passos contando sequencialmente de 1 a 10 podendo ser interrompido a qualquer momento ao pronunciar a frase: “batatinha frita!”. Ao certificar-se que ainda estão afastados olhando para trás reinicia a contagem só depois que todos retornarem a linha inicial, logo o jogador que chegar a ultrapassar a linha do coordenador será o próximo a conduzir o jogo.



**CENA 1:**

- Todos os jogadores devem ficar distante do jogador coordenador.



**CENA 2:**

- O coordenador do jogo deve ficar de costa para os demais e iniciar a contagem de um a dez.



**CENA 3:**

- O jogador coordenador ao anunciar durante a contagem a frase: - Batatinha frita! Todos devem parar e voltar ao ponto inicial.



**CENA 4:**

- O jogador que se aproximar do jogador coordenador antes do anúncio da frase será o que agora direcionará o jogo.

## e JOGO ECO CRIATIVO

**OBJETIVO:** incentivo a imaginação, atenção, coordenação e criatividade.

Para iniciar dividi os jogadores em dois grupos (A e B) em mesma quantidade de pessoas para formar colunas em lados opostos com uma distância de cinco passos um do outro. Assim, o jogo se constitui numa espécie de jogral, ou seja, o jogador primeiro da coluna A menciona uma palavra e o jogador primeiro da coluna B completa com uma nova palavra e ao pronunciar a palavra corre para continuar

jogando atrás do último jogador e assim sucessivamente. Detalhe, as palavras terão que ser anunciada sem quebra de pensamento ou demora no anúncio das mesmas. Caso ocorra o jogador que não conseguir responder em tempo hábil sairá do jogo ficando a coluna em menor quantidade de jogadores.



**CENA 1:**  
- Dividi os jogadores em duas colunas opostas em A e B.



**CENA 2:**  
- O jogador da frente da coluna A anuncia uma palavra e corre para atrás do último jogador da mesma fila.



**CENA 3:**  
- O jogador da frente da coluna B deve completar com outra palavra e sair correndo para ficar atrás do último jogador.



**CENA 4:**  
- Se o jogador adversário não responder em tempo hábil sairá do jogo.

**OBSERVAÇÃO:** o jogo eco criativo é um desdobramento realizado pela pesquisadora a partir do jogo Eco de Viola Spolin pelo uso da comunicação através de palavras.

The background is a textured, painterly illustration. The sky is a deep, swirling blue with several large, circular, yellow-green swirls. The ground is a mix of green and brown, with a white fence visible in the bottom left corner. Three stylized trees with green, swirling foliage and brown trunks are scattered across the landscape. The overall style is reminiscent of Vincent van Gogh's 'The Starry Night' but with a more vibrant, saturated color palette.

Capítulo 2

# CONVERSAS e REFLEXÕES

## ACORDOS E DESCOBERTAS NO CONTATO COM OS JOGOS

A proposta do livro com ilustrações dos jogos teatrais ocorridos na oficina de teatro assume inicialmente um caráter lúdico ao compartilhar visualmente o direcionamento de cada jogo, buscando demonstrar de forma prática como se deu o processo das professoras no contato com os jogos teatrais que por ora foram os elementos precursores para a experimentação do fazer aprender pela apropriação da arte cênica teatral ao jogar absorvendo as informações premissas onde corpos em ações se permitiram experimentar readaptando ou propondo outras possibilidades de atuações no coletivo.

E neste aprender constante permeado pelo caminho da descoberta da linguagem teatral na escola conhecemos as regras, a maneira de jogar cada jogo teatral e ao mesmo tempo reafirmávamos novos acordos construídos a partir do que vivenciávamos enquanto grupo, dividindo simultaneamente o saber compartilhado agregado às histórias de vida que entre uma ação e outra ratificava o fazer brincado pelos jogos teatrais trazendo lembranças com risos, falas, cenários e personagens que compuseram uma das fases mais comum entre nós.

Não posso ratificar qual destas se sobressaiu em maior relevância, mas a socialização nos eventos de conversa reservou dividir a emissão de sentimento enaltecido pelo prazer da lembrança que instigava alegria, o bem estar e satisfação ao se fazerem presentes na fala e no corpo de quem dividia suas histórias encontrando no outro um fator (in) comum que se completavam pela singularidade dos episódios vivenciados que elencávamos para aqueles preciosos momentos de relatos.

Desta forma, os jogos teatrais assim como as inúmeras conversas informais foram relevantes para o surgimento das lembranças que busquei para reforçar o meu fazer na oficina, acionando sempre após cada exercício vivenciado no grupo buscas de registros dos fatos memoráveis interpessoais e, em consonância aos observados e percebidos durante a oficina de teatro ao estar na companhia das professoras que urgia pela manifestação de modos de ser diferenciais. Com efeito, reitero que a cada jogo teatral realizado trouxe preceitos e lembranças (meu e das professoras) se fizeram presentes para consolidar o enredo que proponho a partir das três lembranças que mencionei no início desta pesquisa.

Logo, para fazer-se compreendida em cada jogo realizado exponho minhas reflexões que contribuíram para um olhar mais atento as professoras e as suas reações, emergindo também em mim sentimentos e lembranças que se fazem importantes comentar a partir das experiências que os jogos teatrais nos proporcionaram.

Assim, o início de qualquer atividade sempre causa um friozinho na barriga pela própria expectativa que se cria em torno do ato esperado, mesmo que haja todo um planejamento a ansiedade e nervosismo foram sentimentos que se mantiveram presente para a primeira ação da oficina e por saber que o sujeito agora não era criança e nem adolescente e sim mulheres professoras com todo um acervo cultura de vida e prática pedagógica construída ao longo da experiência pessoal e profissional. Assim, objetivando compartilhar e vivenciar experiências, aliado ao fazer pedagógico da minha praxe na escola foi possível criar um ambiente acolhedor para o contato inicial através da utilização de bexigas de cores diversas para as professoras.

A escolha por este recurso para colorir o ambiente faz parte do preceito que tenho a respeito dos mesmos ao oportunizar sempre mudança comportamental que me permite expressar a alegria e espontaneidade consciente ao deixar fluir a menina travessa que

existe dentro de mim e, porque não descobrir no outro, quem sabe! Peripécias de crianças crescidas na idade. Uma vez que tudo não pode ser dureza a vida inteira. Este foi o convite realizado as professoras para comemorarem comigo a relevância que a linguagem do teatro vem assumindo deste o contato na graduação onde a busca pelo conhecimento tornou-se um ato incansável.

E tudo começou numa segunda feira com a chegada gradativa das professoras a escola trazendo nas mãos apenas suas bolsas com pertences pessoais. O horário definido tinha ficado acertado às oito da manhã, mas em função de alguns contratempos mais a ausência da maioria fomos aguardando até que um quantitativo fosse substancial a atividade da oficina. Transcorrido meia hora do tempo já somávamos dez pessoais que dentre uma comunicação inicial na chegada com o cumprimento de bom dia! Olá! Oi meninas! Íamos contabilizando histórias de um final de semana no igarapé; o preparo de um prato de arroz com camarão ao tucupi; a finalização de um cartaz do ajudante do dia para a sala de aula; a confecção de placas sinalizando a letra do alfabeto com imagens e outros assuntos que surgiram naquele momento demarcando nossa presença no lugar com conversas que nos permitiam prolongar caso a intenção tivesse este fim.

Sem mais delongas, e após todo um diálogo informacional dos encontros matinais que teríamos durante a semana solicitei que levantássemos das cadeiras para fazermos uma grande roda entoada por uma cantiga que aprendi durante a graduação. O pedido para algumas ecoou com entusiasmo ao se dispor de pé com ligeireza espreguiçando-se o corpo e abrindo a boca com constantes bocejos, enquanto outras ainda guardavam suas bolsas ou tentavam se desvencilhar do espaço pequeno que existia entre a mesa e a cadeira escolar adotando um tempo mais longo. Neste intervalo de tempo conseguir capturar as seguintes falas:

- Aiíiiii, aiíiiii que preguiça! (bocejos), ... o que será que vamos fazer? (PROFESSORA B)

- Eu quero é aprender todas as cantigas e movimentos para cantar com minhas crianças. (PROFESSORA C)

- Vamos anotar isso sim...! (PROFESSORA Y)

- Estas cadeiras e mesinhas não dar para espichar minhas pernas longas... aiíiiii ! (PROFESSORA A)

O pedido de ficar de pé gerou um descompasso para anormalidade, ainda bem, com vozes e corpos que emitiam sons e movimentos diferenciais do cotidiano das professoras a respeito do que veria acontecer naquele dia.

No geral a maioria presente se dispôs a compor o pedido formando o círculo em sala com exceção de duas professoras que disseram que não estavam bem de saúde para realizar qualquer movimento brusco, concordei então que permanecessem sentadas mais com toda atenção fosse voltada ao que iria ocorrer no centro da sala de aula.

Quando ainda se organizavam para o círculo algumas lançavam olhares ou esticavam os braços para alcançarem as bexigas emitindo suaves toques que contribuía para o movimento dos cachos coloridos pendurados na parede da sala, esta ação causou entre as mesmas hesitações dando subsídios de um estado diferencial comparado alguns minutos atrás.

Neste clima colorido circular começou-se a falar do jogo chamado por mim de “abraço do coração” (CD – música 01), entoando a melodia com calma e já observando o exercício no grupo constatei que a familiarização com a estrofe da cantiga foi rápida entre as mesmas.

Desta forma, a realização do jogo cantando em consonância com a prática ativa advinda da ação enquanto professora se fez inerente a acontecer em virtude do clima de leveza proporcionado

a partir do primeiro exercício e claro, pela possibilidade de criar gestos ou sons com a participação das professoras que ociosas e atentas se mostravam curiosas aos encaminhamentos propostos que redirecionou, inicialmente, as experiências em roda. Neste sentido em forma de círculo, mesmo com interrupção pequena para anotações pessoais retornavam rapidamente para as posições procurando ouvir as coordenadas a serem dirigidas.

Para tanto, ressalto que antes de comentar sobre os jogos fui instigada se os mesmos ocorreriam semelhantes ao exercício anterior com a utilização de cantigas que incentivassem a cantar e movimentar o corpo uma vez que era mais divertido e também poderiam ensinar aos seus alunos. Proferindo as seguintes frases:

- As músicas parecem ser fáceis de aprender e as crianças adoram atividades deste tipo (PROFESSORA A).
- E elas (crianças) ficam mais unidas ao compartilharem de experiências comuns entre si (PROFESSORA B).
- E nossa escola precisa de eventos alegres e envolventes para romper com alguns costumes tradicionais (PROFESSORA F, - a fala da professora soou em um tom inquietante, acompanhado de gestos labiais descontentes com algo).

Sem maiores hesitações afim de não causar nenhum desconforto ao grupo, julguei então necessário que voltássemos nosso foco ao jogo, prestando atenção às regras do mesmo. Mas, atenta aos indicativos da ausência de práticas que permitisse a continuidade da troca de saberes por outras vertentes no ambiente escolar.

A realização dos jogos teatrais foi realmente os elementos que modificaram a superficial aparência que pairava no ar. Conforme os jogos aconteciam percebia-se mudanças de comportamentos transformados que unia ou ratificava as amizades já existentes.

Pois, as conversas paralelas, os risos espontâneos, os movimentos dos corpos cansados em sua maioria pela idade, sinalizava a libertação gradativa de outro ser que por alguns instantes pareciam ter esquecidos da função professor, ainda que repentinamente o assunto escola / aluno / aprendizagem / recursos pedagógicos e outros viessem à tona em nossa convivência naquele instante.

Integradas e voltadas ao que acontecia naquela sala de aula misturada a mesas e cadeiras que conosco dividiam não apenas o espaço físico, mas a realização de outras ações que diferem do cotidiano ao oportunizar vivência de situações que querendo ou não nos uniu fazendo pensar em quanto coletivo para viáveis soluções dentro do jogo na medida em que “... viver, sobreviver, conviver são fatos da natureza social fáceis de rimar mais difíceis de conciliar ... ” (MIRANDA, 2014, p.14), pelas próprias diferenças que nos pertencem em quanto identidade humana.

Logo, em um clima propício aos jogos e com foco nas jogadoras comento que o jogo denominado de A, E, I, O, U também contribuiu para a continuidade dos momentos de descontração que surgia a cada novo jogo, trazendo direcionamentos que nos permitia fluir travessuras com gestos e vozes inusitadas a medida que os corpos se permitiam ou reinventavam formas de jogar.

Desta forma, no processo de contato com jogos, as regras aos ritmos musicais, os movimentos corporais e as improvisações inerentes as nossas particularidades fizeram do grupo de professoras verdadeiras interventoras durante as experiências com as ações inesperadas no jogo, e que diretamente corroborava com nossos acordos pessoais. Assim, a reavaliação da utilização dos verbos no modo indicativo do pretérito imperfeito (vivenciamos, vivemos, experimentamos etc.) tem a finalidade não apenas de registrar tal episódio ocorrido, mas salientar o processo dos jogos teatrais cantados que aos poucos íamos acionando de acordo com os dispositivos estimulados no contato com outros

jogos. Pois, nesta proximidade, ainda que em tempo determinado, o exercício da descoberta é o foco referencial que vai redirecionando cada passo que seguimos.

Com isso, o movimento dos corpos e o conjunto de vozes permitiram criar uma sintonia expressiva demarcada pelo ritmo que compusemos, deliberando ações desengonçadas e comunicativas que mostravam o bailar da identidade do grupo.

Desta forma, cada dia de encontro contabilizava na chegada da escola um acolhimento regado a curiosidade para o andamento da oficina com inquietações que investigavam o roteiro musical, a formação e desconstrução dos grupos, a utilização de objetos, as regras no jogo e até um intervalo para recompor as energias gastas. Aliado ao fato, ainda relembravam do dia anterior comentando episódios que contribuíram para a emissão de risos matinais que se propagavam a cada presença confirmada.

Com todas estas expectativas, palpites, ociosidades e sentimentos fluidos no gesto do recontar iam aventurando-se pela experiência do corpo no jogo e da memória em ação ao reunir um emaranhado de gestos corporais, vozes e gargalhadas inconstantes que não cessavam de recompartilhar a própria vivência advinda do campo das lembranças ao serem ratificadas naquele curto tempo de espera que antecedia a hora novamente de jogar. Na verdade, o jogo já havia começado na medida em que proporcionavam mais um reencontro com outras maneiras de jogar e aprender e porque não de recontar o contado sempre com a exaltação do corpo em ação e a malevolência da individualidade de cada uma.

Sendo assim, o início dos dias de oficina pelas manhãs daquela semana solicitavam músicas que pudéssemos celebrar com alegria a possibilidade de mais um dia de troca de experiência ao está em contato com a linguagem do teatro pelos jogos teatrais, viabilizado

por exercícios práticos que permitissem repensar o convívio com o outro e suas diferenças, a relevância de cada sujeito no processo, o desenvolvimento de uma prática pedagógica de parceria e valorização do ser humano associado à experiência não apenas teórica ou técnica, mas vivais ao constituir-se da aprendizagem pela vivência. E, por iniciativa, as músicas de acolhimento na chegada da escola nos permitia fugir da formalidade ao cantar em coral, movimentar o corpo, olhar para o outro sem desvio de foco, tocar e deixar-se ser tocada por outro(s). Estes atos, sem dúvida, foram comunicações humanas consolidadas que ajudaram a construir e erguer o campo da prática pela prática entre nós.

As músicas cantadas foram sem dúvida o encanto nos dois dias consecutivos da oficina. Mas, gostaria de abrir um parêntese para a música “ó maninha” ao fazer parte do cronograma da oficina por dois motivos essenciais que gostaria de comentar. Pois, o processo de organização e planejamento assumiu magnitude primeira pela prática docente advindo da experiência na educação infantil e segundo pelas raras lembranças que tenho enquanto aluna da segunda série do antigo primeiro grau de ensino, hoje terceiro ano do ensino fundamental menor de acordo com as mudanças educacionais vigentes. E dentre as imagens que tenho bastante viva na memória comento sobre a saia plissada de cor azul escuro usada por mim no cotidiano escolar que após ser lavada, passada e alinhavada nas pontas era colocada debaixo do colchão tornando-se uma prática semanal de minha mãe ao manifestar cuidado e zelo com o uniforme escolar da filha que, quase sempre perdia a caracterização do desvelo ao se aventurar na inesperada hora do intervalo com ligeiras corridas ou elevados saltos que dava na companhia de outros amigos com a realização da brincadeira do pula elástico e outras. Isso acontecia quase sempre quando não perdíamos muito tempo na fila da merenda escolar ao tomar o mingau de fubá sempre mais de uma vez pelo sabor gostoso adquirido pelo paladar infantil e o que dizer da professora Terezinha,

aquela mulher de estatura pequena (quase mesma altura dos seus alunos), pele branquinha, cabelos claros, olhos azuis e óculos sempre caído sobre o nariz, direcionando o olhar sempre com a cabeça inclinada em função do acessório indispensável a visão.

Ela, professora Terezinha, como carinhosamente chamávamos cuidava dos seus alunos com carinho e afeto recebendo na porta da sala cada um com um beijo na testa e nos convidando a ficar próximo do quadro negro para termos nosso momento com a linguagem musical. Cantávamos e dançávamos sobre a melodia de muitas músicas e entre tantas a “ó maninha” era a que nunca faltava em seu acervo ao compor a grande roda que formávamos diariamente naquela acolhida inicial, realizando movimentos que bailava meu corpo infantil arrumado com a vestimenta limpa e passada por minha mãe.

Por conseguinte, as imagens fotografadas que tenho deste momento quando criança me ajuda a encontrar a leveza e simplicidade em cada atividade elencada no jogo ainda que certas músicas fossem de conhecimento popular ao ser comentada por algumas professoras durante a anúncio da próxima ação dizendo assim,

- Égua !! Essa musiquinha é muito velha. Minha vó cantava para eu e meus irmãos dormir a tarde, e a gente não queria dormir. Queria era brincar. Ai ela batia (PROFESSORA D).

- Ah! É antiga mesmo, mas nunca cantei nem para meus filhos (PROFESSORA C).

- Conheço a música, mas não sei a letra direito (PROFESSORA A).

Neste clima de conhecimento, familiaridade com o ocorrido, de lembrança da infância e experimentação enquanto ser adulto no fazer dos jogos a aventura e a descoberta desvelaram brincadeiras realizadas no passado reativando culturas populares comuns que compuseram vidas diferentes, mas idênticas nas experiências vividas enquanto criança.

Outro exemplo com os jogos cantados partiu da música “indo eu a caminho de Viseu” (CD, música 08) muito cantada e brincada por mim durante a infância diante das inúmeras brincadeiras que ocorriam sempre que o tempo escurecia em frente da velha casa de madeira onde morava. Então me apropriar dela, a brincadeira, neste momento serviu para reativar as lembranças da desenfreada roda cantada que eu, primos e amigos fazíamos ao acelerar o ritmo entoado por nossas vozes infantis e conseqüentemente movimentos apressados por passos ligeiros que se intensificavam ainda mais com o aperto firme das mãos dadas.

Mais o prazer maior não era apenas gerado pelas brincadeiras que se faziam com o encontro de crianças e sim pelo espírito desbravador que inspirava nossa imaginação a não temer do perigo quando as pequenas mãos não suportavam mais o ritmo dos pés e lançavam bruscamente meninos ou meninas ao areal fofo que amenizava o atrito dos nossos corpos ao chão. Ríamos muito! Porque nossas brincadeiras entoadas pela música só ganhava sentido quando o rompimento das pequenas mãos ocasionalmente ou propositalmente se desconectava ao som de um estado repleto de gargalhadas identificado em toda criança quando exerce livremente a atividade do brincar.

Em consonância com estas lembranças que embalam minha imaginação transportando meu corpo e pensamentos a sentir novamente as aventuras perigosas de criança é que trago com veemência a brincadeira cantada que assim como muitas também compuseram minha infância, readaptando o modo de brincar a corpos adultos que se lançam a reinventar um novo ritmo no jogar. Logo, para as professoras o exercício abordado foi realizado mais de uma vez, pois as mesmas ainda na euforia da realização do jogo justificavam a necessidade de fazer novamente na medida em que comentavam que era divertido, alegre, simples e fácil de aprender. E

assim entre as inúmeras falas surgidas naquele momento conseguir registrar as seguintes:

- Cantar e fazer os gestos ao mesmo tempo ... hum! Não é nada fácil. Mas, é legal (PROFESSORA G).
- E outra, haja fôlego, respiração ofegante, pra este jogo de entrosamento (PROFESSORA A).
- É realmente bem gostoso fazer os movimentos, explorar o espaço que pode ser caminhando, pulando ou dançando, cantar dando um ritmo novo a melodia que poderia ser lento, rápido ou normal. Esta variação quando se joga é bem interessante e é construída com os parceiros no jogo. É legal perceber isto (PROFESSORA F).

Não descartando nenhuma comunicação durante o processo da produção da obra por considerar relevante a ressignificação que o jogo nos permitia enxergar trazendo as contribuições pessoais das professoras e correlacionando com outros referenciais que ratificavam a nossa prática a partir do que o corpo experimentava. Assim Larrose (2011) na análise dos princípios da experiência a partir da “experiência: **isso** que **me** **passa**”, aponta diversas vertentes se apropriando dos termos (grifados por mim) que ele mesmo desmembra para engendrar outras possibilidades de pensar a própria experiência seja por **isso** que passa caracterizado como um acontecimento que não depende de mim (Princípio de Alteridade ou Princípio da Exterioridade ou ainda Princípio da Alienação), seja também pelo o que **me** provoca incumbido mudanças perceptíveis no meu eu (Princípio da Reflexividade ou Princípio da Subjetividade ou ainda Princípio da Transformação) e por último o **passa** ou **passagem** sendo alimentado pela experiência que passa em mim, - no eu de cada um, ao tornar visceral o sentimento emergido pela nuance do próprio movimento que conduz o exercício da experiência (este último princípio será ainda enfatizado ao redirecionar a experiência perpassada em mim como um germinador de outras experiências apaixonantes).

Reiterando as contribuições afirmando que a experiência em isso que **me** passa enfatiza a fala das professoras como ponto subjetivo e substancial a validade das experiências, pois o lugar das inquietações, ainda que a proposta do exercício ocorresse em grupo, é o “eu” individual de cada uma no decorrer do processo. Diante disso, a respeito da subjetividade o autor reforça que:

Se lhe chamo “princípio da Subjetividade” é porque o lugar da experiência é sempre subjetiva. Contudo, se trata de um sujeito que é capaz de deixar que algo lhe passe as suas palavras, as suas ideias, a seus sentimentos, a suas representações, etc. Trata-se, portanto, de um sujeito aberto, sensível, vulnerável ex/posto... (LARROSE, 2011, p. 4).

Aos acontecimentos que atravessam deixando registro na alma por ações ou pensamentos que foram ou são inerentes a alteração do ser, obtendo as experiências vividas como o cordão umbilical que alimenta e ativa a circulação de sensibilidades mais perceptivas de modo a não apenas ver mais sentir as alterações que operam de dentro pra fora em cada eu subjetivo que joga ao perceber a dinamicidade interior que o move.

Seguindo a subjetividade de um eu entregue e comprometido com a alteridade do outro e de mim mesma diante das experiências é que comento o jogo “Flor do Mamulengo”, salientando duas experiências bem latentes em meu cabedal de memória que se recriam ou reinventam a cada novo experimento, trazendo sempre novos sentimentos que revigoram meu ser a continuar acreditando que a linguagem artística teatral inspira a buscar conhecimentos em episódios quase sempre aventureiros e demasiadamente provocativos.

E tomando mais uma vez das experiências que conta ou faz parte de mim seja pelo planejamento como atividade organizativa na ação profissional, seja até mesmo pela existência da improvisação em razão da multiplicidade de coisas a resolver em tempo insuficiente (desculpas da vida moderna!) ou ainda reencontros que a vida se encarrega de

elaborar pelo percurso natural rememorando pessoas, lugares e fatos com outras experiências de maior ou menor magnitude já que ninguém constitui uma história de vida seguindo uma linha linear, ainda bem!

Na nuance das emoções vividas o primeiro experimento com a música mencionada surgiu no ano de 2011 ao elaborar uma apresentação junina com meus alunos do terceiro ano (ensino fundamental menor) juntando o teatro e a dança como resultado de um processo de pesquisa de acordo com a temática da festa na época. Com efeito, a encenação coreográfica exibida pelas crianças resultou em um espetáculo que se misturaram a aplausos, gritos ovacionados de pais, familiares e outros que envolvidos com a cena se contemplavam com a graciosidade dos pequenos atores/bailarinos e que de certa forma me enchia de orgulho pelo contexto da obra.

Já o segundo momento ocorreu na graduação em teatro em 2012 durante a disciplina Inclusão através do Teatro ministrada pela professora Rosilene Cordeiro<sup>2</sup> que dentre várias experimentações com exercícios teatrais propôs a turma um jogo a partir da música mencionada. Na ocasião fomos envolvidos com os movimentos corporais estimulados pelo som da música a teatralizar, engendrando uma criatividade pelo trabalho em grupo ao nos transformarmos em bonecas que se articulavam brincando no jogo cantando. Logo as vivencias assumiram um papel decisivo e trazê-las novamente como exercício de experimentação com o público de professoras foi relevante para energizar ainda mais os corpos já modificados.

Para tanto, o movimento coordenado por mim no jogo adquiriu uma intensidade principalmente no refrão ao se transformar em um jogo de cantoria com diversas vozes e fortes movimentos com braços cuja interpretação bailava nossos corpos a se movimentar. O exercício

<sup>2</sup> **Rosilene da Conceição Cordeiro:** Mestra em Comunicação Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia – UNAMA. Especialista em Estudos Contemporâneos do Corpo pela UFPA. Graduação em Pedagogia pela UFPA.

foi demasiadamente intenso (divertido) que fomos levados a realizá-los numa sequencia de três vezes resultando em um cansaço físico que contribuía com a sonorização de risos e aplausos no final.

Não obstante o jogo chamado Pai Francisco, também usado por Spolin quando buscou explorar o uso da fala como foco entre os jogadores o que não difere com as experimentações propostas com as professoras ao notar também uma concentração no querer aprender, cantando ou anotando a letra de cada música com muita atenção e entusiasmo.

Por conseguinte, o jogo mencionado se constituiu das imagens brincadas em ciranda com meus alunos no pátio da escola, onde reservo este momento geralmente próximo ao término da aula objetivando acelerar o processo de conclusão da atividade do dia. Pois, quanto mais tempo levarem nesta etapa menor será o momento destinado ao que mais gostam de fazer – que é brincar em roda. Assim numa via de mão dupla composta por acordos vamos conduzindo o processo de aprendizagem dividindo as responsabilidades e os prazeres eminentes pela anormalidade da existência das brincadeiras na escola.

E, como um estimulador, energético ou indutor averiguava com mais veemência situações de companheirismo que ratificava o valor simbólico das amizades infantis ao desejar ansiosamente a atividade do brincar, respeitando, também, o tempo do outro. E quando ligeiramente sonorizava o – acabei professora! Era ai que tudo tomava sentido porque partíamos do aprendizado estimulado pelo prazer quase sempre interrompido pelo som da campainha ao anunciar que a aula do dia tinha chegado ao fim e, como em um desespero mãozinhas me puxavam e falas insistentes me indagavam se amanhã (dia seguinte) poderíamos brincar de novo e, claro! A partir de novos e contínuos acordos.

A lembrança no exercício de professora é para ratificar que nossas ações no ambiente de trabalho devem assumir um

caráter de alerta ao acontecimento dos fatos. Compreendendo o meandro para que possamos atuar de forma concisa a lidar com as transformações vigentes e ao mesmo tempo conscientizar que buscar suprir as necessidades enquanto profissional da educação é uma obrigatoriedade atual sem esquecer que estamos tratando de pessoas e não mercadoria, embora hoje o contexto educacional tenha essa característica mercadológica de produto de serviço. Depreender o cenário da educação é importante para que possamos pensar nos sujeitos perante o conhecimento móvel apontando neste contexto possível troca de experiências, a valorização do outro, o respeito ao tempo do aprender e o próprio companheirismo como fonte inesgotável do processo consensual em grupo que vivenciamos diariamente. Atento ao desenvolvimento de um olhar mais sensível aos sujeitos na medida em que a “... competência do professor não se mede pela sua capacidade de ensinar – muito menos “lecionar” – mas pelas possibilidades que constrói para que as pessoas possam aprender, conviver e viverem melhor” (GADOTTI, 2003, p. 27).

De posse do preceito, primar por ações que rompe com o cotidiano escolar é tarefa de todos. Inclusive do professor ao propor não apenas metodologias diferenciais através do jogo ou qualquer outra estratégia, entendendo que os sujeitos necessitam se sentir engajados com a socialização de suas ideias e ações dos seus corpos no processo. Assim, dar voz e vez é compartilhar responsabilidade com todos e, seguindo o linear dos pensamentos ressalto que o jogar dos adultos não difere das crianças, somos na mesma intensidade instigados com os jogos a cooperar e intervir com outro viés como podemos averiguar no registro a seguir:

- Que tal ficarmos batendo as palmas mais movimentando o círculo e quando começamos a cantar a segunda estrofe os movimentos propostos pela pessoa de fora deve ser realizados por todos (PROFESSORA B).

As sugestões são sempre relevantes como desdobramentos que exige criatividade e ao mesmo tempo o envolvimento para a construção diferencial dos corpos desengonçados que se permitiam a criação sobre a perspectiva do olhar do outro. Reinventando inúmeras possibilidades de jogar.

Como podemos perceber, a cada novo encontro uma nova receptividade contribuía para expressões mais liberadas das próprias amarras criadas e impostas como legado a si mesmo. Com efeito, as manhãs clareadas pelo sol matinal já não era mais o mesmo ao nos permitir também iluminar nossa vida; o desprendimento de sacolas e utensílios diversos não mais compunha as indumentárias pensadas para cada reencontro dando lugar a acessórios que mais embelezavam; as cadeiras enfileiradas próximo ao portão de chegada à escola agora serviam apenas de elemento cênico para se chegar ao nosso grande palco entulhado por outros assentos à sala de aula; lugar testemunha que capturou em tempo real as imagens e sons oriundos de “eus” que não correspondiam mais ao “eu” inicial após os exercícios.

Logo, sensitiva e visivelmente já identificava diferença falada pelo corpo em ação engendrando modos de ser alterado pelo encontro, pelo exercício dos jogos teatrais, pelo compartilhamento de outras maneiras de fazer o processo de ensino e aprendizagem, pela construção de outras vivências pedagógicas que também perpassa com o outro dividindo uma única história a partir das experienciais iguais vivida na oficina. E assim, disposto a construir outros enredos “... como parceiros de jogo, envolvidos um com o outro, prontos a entrar em contato, comunicar, experimentar, responde e descobrir” (SPOLIN, 2015, p. 29) fomos aos encontros da oficina teatral guiado por relevantes inspirações da teoria ao cotidiano julgando necessário alguns encadeamentos que foram os poucos referendando o andamento do processo.

E neste contexto, somente a partir de alguns encontros anteriores, elenco os jogos cantados ou não como aquecimento e/ou andamento da oficina a fim de continuar o estímulo às ações que vamos descobrindo conforme a integração coletiva das professoras no jogo. Identificando entre as mesmas, foco, percepção ativa, criatividade e imaginação que ratificavam o laço de conexão com as saudosas lembranças que continuaram ocorrendo com os jogos teatrais.

Sempre acompanhado a cada início de encontro com muitas conversas, risos e sugestão de outros desdobramentos dos jogos já realizados com o andamento da oficina nos primeiros exercícios que conscientemente realizamos acionando voz e corpo que tagarelando e articulando gestualmente os membros, cabeça e, principalmente, a face se comunicavam dividindo outras maneiras de fazer o jogo entre si. E assim, os quinze minutos iniciais de espera, dos atrasados, nos permitiam socializar a criatividade vendo e ouvindo o outro numa unidade comum de correspondência que anunciavam:

- Olha o jogo ó maninha estava pensando que pode fazer meninos e meninas separados a uma distância e ai quando começarem a cantar se aproximam um de frente para o outro realizando os movimentos entre sim. Cada um com um par já definido (PROFESSORA C).
- É mesmo! E numa apresentação ficariam lindas as crianças encenando vestidas com uma roupa caipira (PROFESSORA F).
- Ai, por favor! Me ajude a montar uma apresentação com minhas crianças (PROFESSORA D).
- A não a ideia é minha! ... to brincado, te ajudo sim (PROFESSORA C).

A posse do espaço físico e da necessidade do outro para fazer a oficina acontecer não se resumia somente a estes elementos e sim da troca e divulgação daquilo que experimentávamos no contato em grupo, trazendo nossas vivencias que se fortaleciam com a prática

instigando cada vez mais a criatividade que se expandia pelo compartilhamento de ideias que eram nossas. Assim, após nos apropriarmos da criatividade coletiva propôs que realizássemos alguns exercícios que até então não tinha desenvolvido com as mesmas por julgar que ainda não era o momento até o terceiro dia da oficina. Logo, em círculo conversamos e comentei que a partir da presente data iríamos fazer alguns exercícios iniciais de complemento e aquecimento e que o primeiro correspondia no caminhar pelo espaço de acordo com o comando (rápido, mais rápido, mais e mais rápido, lentamente, mais lento, correr, andando normal) buscando o foco em um ponto fixo ou no olhar daquele que passa sem desvia-lo até o encontro de outro. Este é um exercício de aquecimento que altera rapidamente o estado físico dos jogadores ao exigir atenção e agilidade de cada uma que após a realização dos mesmos visivelmente aparentavam mudanças – respiração mais ofegante e extremo cansaço físico.

A experiência a seguir parte de um processo criativo ocorrido com minha turma da graduação em teatro, éramos praticamente calouros e perante tantas incertezas e diversas dúvidas a respeito do curso nos aventurávamos a conhecer por um período de uma semana as disciplinas que contemplavam o semestre inicial. E nesse processo de primeiro contato com os colegas professores de municípios distintos, dos ministrantes que se apresentavam como artistas/professores e das disciplinas com suas ementas definidas íamos tecendo laço de confiança a partir de diálogos realizados em sala que nos permitia conhecer os teatrólogos (Moreno, Stanislávski, etc.) e alguns de seus diversos textos teatrais (o psicodrama, a preparação do ator etc.) para refletirmos e contextualizarmos com nosso cotidiano escolar através da ação do teatro do improvisado com cunho interpretativo valioso para o coletivo de professores que se permitia fazer a releitura dos preceitos formulados.

Não tínhamos muito tempo para pensar, a ação de ler/interpretar/fazer se constituía na mesma proporção do curso e, isso não descaracterizava o aprendizado nem tão pouco a capacidade de produzir cenicamente, de modo associar o conhecimento teórico contido em acervos bibliográficos com as práticas pedagógicas que refletia o exercício árduo dos estudantes/professores que aos poucos se permitiam ao processo do aprender fazendo com a linguagem teatral acrescentando metodologias que somavam e identificavam o público alvo. E nesse contexto de dúvida, medo, ansiedade, timidez revelávamos nossos potenciais artísticos compartilhando convivência e dividindo os próprios fazeres pedagógicos readaptados a partir do novo saber que acabara de chegar ao "... desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecimento e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade..." (KREISCH, 2011, p. 43) que naquele momento nos transformou colocando na condição de verdadeiros fazedores do processo.

Neste viver de experiências reais coletivas compartilho o direcionamento de outro jogo como componente da oficina de teatro em virtude das leituras realizadas durante a fase do planejamento e conseqüentemente das lembranças que reativam as experiências vividas no passado. Logo, as vivências que perpassaram ou que ainda acontecem nesta mesma perspectiva surgem sempre carregadas de muitas histórias e diversos sentimentos que celebram com carinho a ebulção de imagens, sons, pessoas, lugares e risos que se misturam a novos desafios aventureiros da vida.

E delinear por este caminho é uma espontaneidade na escolha que permite pensar o roteiro direcionado elencando seletivamente fatos ocorridos em três momentos da minha vida e que diretamente se mostram latente no desenvolvimento da escrita ao identificar a menina travessa com suas brincadeiras na infância; a professora que no fazer pedagógico traz vestígios de uma cultura livre de estereótipos e por úl-

timo a experiência como aluna na graduação no curso de teatro permitindo outras possibilidades de ensinar/aprender ou vise visa, somando ou completando para o exercício da profissionalização contínua.

O termo profissionalização, em meios devaneios, está imbuído na palavra “compromisso” não com a educação do outro já que este processão depende unicamente de mim. Mas, do compromisso capaz de mexer estruturalmente na formulação e reflexão de pensamentos e ações que se (des)organizam constantemente no meu ser enquanto humano. Assim, reitero ressaltando que “... o compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas “águas” os homens verdadeiramente comprometidos ficam “molhados”, ensopados...” (FREIRE, 1983, p. 19).

Decerto das águas que podem causar tais sensações, ratifico que as experiências no levantamento da trilogia mencionada consolidam o mergulho dado, assumindo a necessidade de manter ensopada pelas atividades que direcionam e conduzem meu fazer pedagógico e que paulatinamente me permite molhar o outro a partir das realidades vividas por todos nós.

Assim, as propostas dos jogos teatrais criaram gradativamente um clima diferencial ao andamento dos encontros. A euforia e ansiedade sediava aos poucos receptividade a divisão do tempo que ora eram marcadas com atenção antes do jogo, gargalhadas extravagantes durante o exercício quando algo não dava certo retornando ao início do mesmo e conversas ou anotações referente a experiência do grupo. Estas marcações sequenciais construídas e identificadas na companhia das professoras me fez lembrar dos diversos acordos que consolido diariamente com minhas turmas no ambiente escolar propondo romper com regras que se constitui para o andamento da escola.

Pois, enquanto espaço de aprendizado a ordem do silêncio, cadeiras enfileiradas, quadro cheio de palavras que ditam conceitos

complicados ou cálculos intermináveis simbolizam a normativa da escola identificando o controle dos professores sobre os alunos, o olhar fiscalizador da coordenação que passeia pelos corredores averiguando as metodologias dos professores, os encaminhamentos da direção no cumprimento das ações demarcadas no calendário escolar e a constante cobrança dos pais sobre a escola em subsidiar uma educação capaz de preparar seus filhos, os alunos, adequadamente para enfrentar a competitividade existente perante a vida. Ademais, há outras formas de controle e submissão que alimenta a cadeia viciosa das concepções sempre de cima para baixo ditando normas e comportamentos que não cause ruptura as “normativas” adotadas e, assim, segue o cotidiano de muitas escolas.

Obstante a muitas realidades, fazer o diferencial no espaço das salas de aula é uma necessidade latente a enfrentar buscando desestruturar a máscara do silêncio e o poder das imposições instaladas no espaço escolar. Já diz um velho ditado do conhecimento popular que “uma andorinha só não faz verão”, mas quem sabe pode sensibilizar o outro com seu voo!

Assim, em consonância ao voo do sensível em sala com os alunos ratifico que os acordos sempre nos permite ser à exceção da normalidade dividindo experiência escolar a partir do conhecimento que construímos no contato consigo mesmo e com o outro respeitando o tempo e valorizando as etapas do processo.

Assim, repensando em um clima diferencial, saliento que os jogos com grande movimentação e ocupação do espaço foram assertivas para o andamento da oficina, permitindo outras experiências a partir da necessidade de atuarem em conjunto enquanto seres que precisam ser estimulados a ver, sentir, tocar e até mesmo de conviver melhor na companhia do outro. Pois, enquanto adulto revestido de um discurso racional ou ação protetiva se privam diariamente sobre outras maneiras de aprender.

E tal constatação, não ocorre somente quando somos crianças já que a necessidade do outro é uma das condições essenciais para experienciar os saberes que nos cercam e que ora contribuem para o aprendizado mais eficaz porque surge a partir das próprias necessidades enquanto vontade de explorar o que está ao alcance e, no contato seja com pessoas ou objetos vamos ressignificando e atribuindo valores perante as vivências que aguçam nossos sentidos. Desta forma, os espaços que explorei com os amigos e primos na infância na busca do melhor esconderijo para não ser pega na “pira mãe<sup>3</sup>” ou enganar a “pata cega<sup>4</sup>” com o som da voz foram vivências significativas que permitem ainda hoje sentir as palpitações do coração pelo aprendizado adquirido.

A este respeito, buscando sempre sensibilizar no outro o que podemos descobrir quando os sentidos são aguçados é que faço o registro das expressões faladas das professoras quando o jogo caça-gavião foi exercido e numa sequência lá pela quarta vez que o jogo fora realizado visualmente cansadas começaram a conversar a respeito das experiências que estávamos dividindo no ambiente da escola dizendo:

- Estes jogos são ótimos para ficar em forma, nunca corri tanto pra não me pegarem (PROFESSORA D).
- Eu adorei é perfeito! (PROFESSORA B).
- Então quer dizer que os jogos teatrais se constituem em brincar? Interessante! (PROFESSORA F).

<sup>3</sup> **Pira Mãe:** uma brincadeira realizada por mim quando criança, onde um sujeito é selecionado para ficar contado de um até dez, encostado numa árvore ou numa parede de uma casa enquanto os demais companheiros se escondem. Ao término da contagem sai a procura dos demais, ao ver alguém retorna rapidamente para o mesmo local batendo três vezes a mão dizendo as palavras – 1, 2, 3 mais o nome da pessoa que foi visualizado (2 vezes). Caso não veja, quem está escondido deve chegar até o local da contagem e bater as mãos dizendo – 1, 2, 3 pira mãe (2 vezes).

<sup>4</sup> **Pata Cega:** também uma das brincadeiras de rua que realizava quando criança, em que selecionava no grupo uma criança e vendava seus olhos com uma fita de cor preta girando no mesmo lugar três vezes e no último giro soltava para tentar pegar os companheiros que se aproximava. E quem era pego seria a próxima pata cega no jogo.

- Uma coisa é certa, involuntariamente voltamos ao nosso tempo de infância, eu rir demais que minha barriga esta doendo até agora (PROFESSORA D).

A colocação das professoras era pontual e assertivas de acordo com a percepção de cada uma no jogo contribuindo com a disseminação de ideias que nos permitia refletir sobre as diversas conclusões que se colocavam em questão a partir do cruzamento de vivências, histórias e experiências que acionavam nossos seres a pensar sobre o passado correlacionando com o presente atual diante das aventuras que íamos contabilizando nos encontros.

Desta forma, a certeza sempre do reencontro durante o tempo de desenvolvimento da oficina levantava perspectiva de continuar com o processo trazendo sempre novos jogos a fim de promover a divisão de experiências que pudessem dar ênfase não apenas para o reflexo da possível aprendizagem com os alunos já que as professoras comentavam quanto o público das crianças adoraria o exercício do jogo. Mas, contudo, como o fazer dos jogos teatrais contribuía gradativamente na integração das professoras com a oficina e na própria relação entre elas mesmas trocando e vivendo experiências que naquele momento fugia do plano pedagógico diário viabilizando formas práticas de aprendizagens.

Para tanto, articular estas possibilidades diferenciais do aprender diante dos regimentos instituídos e internalizados nos ambientes escolares foi possível pela entrega do corpo no exercício e do olhar memorável despertado nas rodas de conversa revelando sempre imagens que acionavam sentimentos reativados a cada compartilhamento realizado nos encontros. Por conseguinte, a prática dos jogos teatrais e as "... imagens memoráveis são nutridas pelo corpo, por um corpo emocionado e uma mente que seleciona, escolhe e decide, enquanto o coração se alegra ..." (PILLAR, 2014, p. 119), pela certeza de ter viabilizado o aprendizado do reencontro consigo

mesmo e com o outro pelo cruzamento de histórias que despertam sentimentos parecidos e nos tornou mais entregue a prática do jogo.

Ver as professoras da escola a cada manhã contribuindo com aquilo que tinham de precioso para os encontros, ou seja, a entrega do corpo no exercício fazendo as ações do jogo acontecer e da fala em roda de conversa contribuindo com preceitos referentes a diversas possibilidades que permeavam desde a forma diferencial de viabilizar a ação do jogo, a possível alegria dos alunos em realizarem os mesmos, a relevância das atividades antes do calendário escolar iniciar e por último a expressão oral mais comum que se ouvia principalmente no início da semana em: – vamos fazer cartazes! (do bom dia, das palavras mágicas, do ajudante do dia, do tempo, do alfabeto ilustrado etc.), com foco unicamente para o que era inerente ao ofício da docência pedagógica de acordo com o ponto de vista concebido para os dias que antecedia a chegada dos alunos na escola.

Tendo percebido a ausência da expressão e o engajamento na oficina de teatro no decorrer da semana, o que ressalto como positivo, comento que as justificativas e as colocações das ideias e do experimento sempre estiveram no plano do outro inviabilizando a colocação de um Eu que simplesmente se permitia e se apresentava diferente mostrado não apenas um ser alterado e alerta para os jogos, mais aberto à vivência e as trocas de conhecimento reais que se mostravam latente. Era difícil ratificar no grupo o prazer e a aprendizagem absorvida e transmitida na doação do “eu” como membro coparticipante do processo que falava, ria, interagia, tocava no outro e se deixava envolver com sentimentos que dizia de si mesmo e de todos ao compartilhar as próprias vivências no coletivo de professoras.

Com os sentidos aguçados aos elementos que não podem faltar a uma oficina teatral de acordo com Spolin (foco, instrução e avaliação), ressalto que o olhar perceptivo a negação do “eu” atuando no jogo

refletia compreender como a necessidade de correlacionar a história de vida aos jogos aconteciam. Contrapondo-se a ausência da linguagem afirmativa do “eu” no grupo e consequentemente os eventos que ali ocorriam ao nos tornar aparentemente felizes, sendo negado “... como se não se sentissem autorizados a reconhecer a própria capacidade de construir e compreender os fatos que compõem a sua história, tornando-se de fato autores e sujeitos dessa história.” (DESGRANDES, 2011, p. 23), alterado pela energia que conduzia a atmosfera do ambiente.

Logo indutores acionavam reflexões que foram importantes ao revelar, permitir, costurar e valorizar cada episódio de descoberta que se fez presente ao reconhecer a identidade do grupo de professoras que transformadas com o exercício dos jogos teatrais, permitia discernir a identidade do grupo de professoras no exercício da oficina com múltiplas possibilidades de redescobertas. Valendo da percepção em torno das cenas que visualizava e sentia, confesso que procurei “... evitar cair em determinados clichês ou preconceitos. Liberando-me, então, da tentativa de entender toda a complexidade relação entre o ver e o não ver ...” (TESSLER, 2008, p.49) deixando fluir naturalmente a espontaneidade não apenas na realização dos jogos mais na fala do “eu” professora em talvez afirmar o quão valoroso ou não o processo somava na subjetividade pela qual perpassávamos coletivamente, ainda que não fosse salientado na oralidade mais manifestado pelo corpo no deleite dos exercícios teatrais.

Para tanto, os reencontros que venho evocando em cada jogo não ressaltam apenas imagens das ações vividas no passado, mas instigam a refletir sobre as coisas que acontecem ao nosso redor, nos espaços onde ocupamos, na ação enquanto professoras da educação básica levando em consideração a maneira como encontramos para vivenciar a linguagem artística – o teatro, pensando a este respeito é que de certa forma me permito a evocar constantemente a criança que existe dentro de mim. É claro que há circunstâncias que a mulher

imatura e em constante processo de aprendizagem entra em cena para enfrentar as durezas do palco da vida já que nem tudo é colorido neste mundo dominado pelas energias negativas do homem. Desta forma, apoiada na possibilidade de transformar o outro, as professoras da oficina ou meus alunos do ensino fundamental maior, propondo jogos teatrais que além de preparar os atores para o palco da vida contribuí também para estimular a capacidade de imaginar, devanear e criar deliberando pensamentos pulsados no contato com a arte.

Isto é significativo! O engajamento da prática do teatro no fazer pedagógico na oficina com as professoras ou na sala de aula com os alunos, ainda que seja difícil concorrer com os objetos tecnológicos levando as pessoas para uma relação consigo mesma por meio de um dos maiores vilões da contemporaneidade – o celular, criando a triste ilusão de estreitamento nas relações interpessoais; ou ainda quando muitos se apropriam do discurso de que não tem espaços adequados nas escolas, não tem capital para custear as despesas, não tem apoio da gestão muito menos orientação pedagógica; ou quando profere a frase – os alunos não tem jeito, não copiam as atividades da lousa e nem tão pouco prestam atenção na explicação do professor e, assim outros discursos e outras ações que remetem sempre novas reflexões que são sempre incessantes e me fazem trazer a menina de dentro de mim que busca disseminar a arte do brincar pela memória no contato com o outro. Pois a este respeito,

Memória é movimento,..., mas um movimento que transcende as localizações físicas do espaço e do tempo. E, por ser movimento, é também imaginação. A memória vive das imagens que transitam do canto escuro do passado para as iluminações do presente... (SOUZA, 2012, p. 03).

Seguindo o percurso deste longo e interminável caminho repleto de aventuras e imagens que vou selecionando e recortando com o auxílio da memória ao me transportar para os espaços físicos em tempos diversos que perpassam desde as peraltices de crianças

e se reencontram ainda mais travessa no curso de teatro e por fim na identificação da identidade da mulher/criança que assumo o dever dos fatos memoráveis corroborando o passado para reescrever o presente. E que este é [re]construído pelas ações experienciais do cotidiano com vivências reais, com troca de saber visceral que busca sensibilizar pela veracidade dos fatos ainda que haja necessidade de um subterfúgio ao passado, este recuo é, para reforçar e/ou potencializar, os devaneios ou reflexões que vou tendo a cada registro pela linguagem da escrita na companhia das professoras.

Ademais, como movimento oscilante do passado para o presente vou apropriando de histórias que aguçam sentimento de medo, raiva, revolta, perda, superação, ..., paixões sempre com a reconstrução de cenários ou personagens criados nitidamente pelo plano do imaginário que aciono a cada intimidade com a memória.

Nesta relação construída com minha caixa de memória e as professoras durante a oficina de teatro não trocávamos apenas experiências com os exercícios teatrais nos permitindo ao conhecimento que ora desligava das preocupações que ocorria do outro lado do muro da escola. Dividíamos também momentos de conversas formais com temática voltada à família (homens, filhos), diversão, estudo, sonho, desejo, angústia, medo e outras abordagens que [in]diretamente necessitávamos compartilhar conforme as relações se estreitavam criando momentos de confiança e prazer.

Em consonância a possível confidência de que acreditávamos ser relevante socializar, mostrando as demais não apenas a organização de preceitos que adquirimos ao longo das experiências com a vida mais, contudo, das práticas pedagógicas que redescobríamos pelos corredores da escola ao instigar a pensar/fazer a própria ação desprendendo-se de estereótipos ou fingimentos que pudessem causar dúvida à profissionalização exercida. Assim,

Fingir ..., um estado que nos impede de cultivar a capacidade de estabelecer conexões das quais depende a boa prática docente. Quando fingimos, deixamos de estar em comunidade com nós mesmos, com os nossos alunos, com o mundo à nossa volta, deixamos de estar em comunhão com o centro comum, que é tanto a fonte quanto o fruto do magistério em sua melhor forma. Quando entendermos que “a ideia é viver tudo”, recuperaremos o que foi perdido (PALMER, 2012, p. 102).

Neste sentido, os momentos de pausa, de descanso, da busca pela respiração que ora faltava pelo excesso de atividade física se constituíram como relevante tempo de aprendizagem e conhecimento um ao outro, com troca de enredo que abordava pensamento otimista de fé, esperança, coragem e continuidade de ações verdadeiras que retificou estereótipos de pensamentos corriqueiros quanto ao envolvimento na oficina e, ainda que houvesse fingimento, o contato com as experiências com os jogos teatrais, as situações que vivemos e descobrimos estando juntas por si só se corrigiria por aprendermos a aprender na convivência com o outro.

Neste contexto de reflexão o exercício da escrita é o caminho que me permite seguir com meus devaneios mediante as experiências que delego como relevante neste processo. Assim, repensando o passado vou encontrando outros caminhos que contribuiu pensar o presente estimulado pelos eventos que de alguma forma me prende ou me atravessa pela singularidade da experiência vivida. Para tanto, o exercício da oficina com as professoras desenvolvida pelo viés dos jogos teatrais instiga com efervescência o retorno ao passado fazendo seletiva da memória quando criança e outras, já adulta mediante as percepções que se fizeram presente em cada jogo.

Diante disso, a linguagem escrita ecoa sempre como uma poética ao desvelar vivência brincante, realizada pelos caminhos que meus pés pequenos e sujos me levaram, escalando grandes arvoredos para comer frutos ou ainda quando a chuva torrencial das tardes

servia para molhar o areal tornando-o fofo para sugar até aos joelhos minha pegada infantil, que quando retirava minha botinha de areia se mostrava a brincadeira imaginária de criança e que hoje continua a brincar sobre a companhia das professoras.

E és que esta fruição de pensamentos positivos é capaz de emanar energias que podem corresponder a expectativa do grupo mediante as experiências que nos manteve conectadas assim que em cada manhã a claridade do sol evocava o nascimento de mais um dia, e não diferente dos outros estávamos esperançosas pelos acontecimentos guardados para todos os dias no encontro matinal. Direcionado pelos jogos teatrais ao intermediar caminhos numa mesma direção – a escola, com encontros de companheiras de trabalho que a partir da experiência com os jogos teatrais trocaram e absorveram conhecimento para além do pedagógico.

Talvez a afirmativa seja principiante ou não! Mas, o que desejo enfatizar é que a linguagem do teatro foi o caminho que nos permitiu proximidade como professoras associando histórias e fazeres pedagógicos que ao se cruzarem acionaram vários dispositivos, inclusive a constatação da rigidez construída pelo ser humano mediante a dureza do jogo da vida refletindo sobre a identidade, a relação com o outro, a família e inclusive o trabalho educativo no contexto escolar. Neste sentido, precisamos urgentemente buscar ser outros sujeitos, com outras atitudes didáticas e pedagógicas, de diferentes possibilidades de atuações enquanto sujeitos no sentido de salvar os adultos ou crianças que existem em cada um de nós, evocando sempre o que nos faz ou nos torna mais feliz para a vida.

## FICHA TÉCNICA MUSICAL

### **Direção Musical:**

Edina Lúcia C. Azevedo

### **Produtor Musical:**

Jédson Lima

### **Cantores:**

Ana Aline Azevedo Gama

Ana Beatriz da Silva Cruz

Erica Kamilli Taveira da Silva

Luciene de Moura

Samara Lopes

Tarsila Correa

### **Músicas do CD:**

1 - Bom dia como vai você?

2 - Casa do Zé

3 - A - E - I - O - U

4 - Yapo

5 - Bom dia com alegria

6 - Ó Maninha

7 - Indo Eu a Caminho de Viseu

8 - Flor do Mamulengo

9 - Pai Francisco

10 - Escravo de Jó

## REFERÊNCIAS

BOM DIA COM ALEGRIA (Música Infantil) – Canal Marcelo Serralva <https://www.youtube.com/watch?v=06WFp3tMVuU>. Acessado: em 11/ 10/2016.

DESGRANGES, Flávio. *A Pedagogia do Teatro: Provocação e Dialogismo*. – 3. ed. – São Paulo: Editora Hucitec : Edições Mandacarú, 2011. (Pedagogia do Teatro).

FERREIRA, Taís & OLIVEIRA, Mariana. **As Artes Cênicas: Teoria e Prática no Ensino Fundamental e Médio**. [prefácio: Arão Paranaguá de Santana]. – Porto Alegre: Mediação, 2016. 136 p. – (Educação e arte; 15).

FLOR DO MAMULENGO. <https://www.letras.mus.br/mastruz-com-leite/128328/>. Acessado: em 11/ 10/2016.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983 (Coleção Educação e Mudança vol. 1).

GADOTTI, Moacir. *Boniteza de Um Sonho: Ensinar-e-Aprender com Sentido*. – Novo Hamburgo: Feevale, 2003. 80p. ; 21 cm.

INDO EU A CAMINHO DE VISEU (Brincadeira de roda) <http://letrasdecrianca.blogspot.com.br/2010/08/indo-eu-caminho-de-verseu.html>. Acessado: em 11/ 10/2016.

KREISCH, Cristiane. *Ensino e Aprendizagem de Artes: Currículo e Avaliação*. Indaial : Uniasselvi, 2011. 87 p.: il.

MEIRA, Marly Ribeiro. A Educação do Olhar no Ensino das Artes / Analice Dutra Pillar (organizadora) – 7. *Educação, Arte e Cultura do Cotidiano*. 8. Ed. – Porto Alegre : Mediação, 2014. 176 p. ; 21 cm.

MIRABOLANCIAS GRUPO TRIII, no site: <https://youtu.be/Fm3SRDPZ600> em 20 de janeiro de 2017.

MIRANDA, Simão de. *Oficina de Dinâmica de Grupos para Empresas, Escolas e Grupos Comunitários*. 17º ed.- Campinas, SP: Papirus, 2014.

PALAVRA CANTADA – Volume 1 – Yapo – Brincadeiras Musicais da palavra. Acessado em 05 de novembro de 2016.

PALMER, PARKER J. *A Coragem de Ensinar: Explorando a Paisagem Interior da Vida de um Professor*. [Traduzido por Aline Storto Pereira]. São Paulo: editora Da Boa Prosa, 2012.

QUINTAL MUSICAL: ó maninha. [https://www.youtube.com/watch?v=E54L\\_Fslyjg](https://www.youtube.com/watch?v=E54L_Fslyjg). Acessado: em 11/ 10/2016.

ROLNIK, Suely. *Alteridade a Céu Aberto: O laboratório poético-político de Maurício Dias & Walter Riedweg*. FONSECA, Tânia Galli. PELBART, Peter Pál. ENGELMAN, Selda (Org). *A Vida em Cena*. –Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SPOLIN, Viola. *Jogos Teatrais para a Sala de Sala: Um manual para o professor*. [tradução Ingrid Dormien Koudela] – 3. ed. – São Paulo: Perspectiva, 2015.

TESSLER, Elida. *Luz Escura: Imagem e Imaginação*. In: FONSECA, Tânia Galli / PELBART, Peter Pál / ENGELMAN, Selda. (Org.). *A vida em Cena*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. 192p.:il.

## SOBRE A AUTORA

Edina Lúcia Correia Azevedo



Mestra em Artes – UFPA (2018). Bolsista da Capes (2016 – 2018). Graduação em Teatro pela UFPA (2013). Especialista em Artes na Educação pela Uniasselvi (2016). Especialista em Interprete e Tradutor da Língua de Sinais – LIBRAS pela FCAT (2013). Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2008). Participante, convidada, do Grupo de Pesquisa do CAÊ (Centro Avançado de Estudos em Educação e Educação Física do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA. Professora/Pesquisadora com foco na formação dos professores dos Anos Iniciais.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acordos 11  
alunos 77, 81, 85, 86, 93, 95, 96, 98, 100  
artes 10  
atividades 77, 92, 96, 98  
audição 10

### B

brincadeira 10, 26, 28, 80, 82, 94, 101  
brincantes 11

### C

Caminhos 10  
capacidade 61, 63, 68, 87, 91, 97, 98, 100  
Círculo 10  
coletivo 23, 25, 46, 50, 61, 73, 78, 90, 96  
confiança 90, 99  
conhecimento 37, 66, 75, 81, 87, 91, 93, 96,  
99, 100, 101  
contato 10, 25, 32, 34, 73, 74, 75, 78, 79,  
88, 89, 90, 93, 94, 98, 100  
Contato 11  
Conversas 11  
convivência 24, 26, 78, 91, 100  
corpo 28, 34, 37, 40, 41, 44, 50, 51, 54, 59,  
60, 62, 65, 66, 67, 73, 75, 77, 79, 80, 81,  
82, 83, 88, 89, 95, 96, 97  
criança 26, 27, 28, 74, 81, 82, 94, 97, 99,  
100, 101

### D

demonstrar 11, 37, 73  
Descobertas 11

desenho 10, 11, 29  
didático 12  
docência 24, 34, 35, 96

### E

Encontro 11  
engajamento 92, 96, 98  
entrosamento 10, 43, 56, 83  
escola 10, 23, 24, 25, 26, 27, 55, 58, 73,  
74, 75, 77, 78, 79, 80, 86, 88, 92, 93, 94,  
96, 99, 101  
exercício 10, 12, 23, 24, 25, 29, 32, 34,  
35, 37, 43, 55, 61, 62, 65, 74, 76, 77, 79,  
82, 83, 84, 85, 86, 88, 90, 91, 92, 95, 96,  
97, 100  
experiência 10, 11, 26, 65, 74, 79, 80, 83,  
84, 90, 92, 93, 100, 101  
experimento 10, 23, 84, 85, 96  
expressão 10, 11, 28, 37, 38, 53, 55, 56,  
66, 96

### I

identidade 26, 28, 29, 78, 79, 97, 99, 101  
infância 10, 11, 28, 81, 82, 91, 94, 95

### J

jogadoras 10, 25, 44, 78  
jogos 10, 11, 12, 25, 26, 27, 29, 32, 43, 55,  
61, 66, 73, 74, 77, 78, 79, 81, 82, 87, 88,  
89, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101  
jogos teatrais 10, 25, 27, 29, 32, 55, 61, 66,  
73, 74, 77, 78, 79, 88, 89, 92, 94, 95, 97,  
98, 100, 101

## L

leitura 10  
lembranças 10, 25, 26, 27, 28, 29, 73, 74,  
79, 80, 82, 89, 91  
linguagem 10, 11, 27, 29, 32, 46, 66, 73,  
75, 79, 81, 84, 91, 97, 99, 100, 101  
lúdica 11, 29

## M

movimentos 11, 34, 36, 37, 40, 41, 42, 43,  
46, 48, 50, 51, 55, 57, 58, 59, 69, 76, 78,  
81, 82, 83, 85, 87, 89  
mudanças 10, 24, 61, 77, 80, 83, 90  
mulher 19, 27, 81, 97, 99  
músicas 12, 77, 79, 80, 81

## N

narrativa 11

## O

Objetivo 11  
Oficina 11, 103  
oficina teatral 88, 96  
oralidade 34, 63, 97

## P

pedagógica 10, 23, 29, 74, 80, 96, 98  
pedagógico 12, 26, 74, 91, 92, 95, 98, 101  
pensamentos 11, 82, 84, 87, 92, 98,  
100, 101

pensamentos brincantes 11  
pesquisadora 10, 11, 23, 69, 71  
poesia 10, 27  
professoras 10, 11, 12, 23, 25, 26, 27, 28,  
29, 32, 55, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 81, 82,  
83, 84, 85, 86, 89, 92, 94, 95, 96, 97, 98,  
99, 100, 101  
profissionalização 24, 92, 99  
proposta 11, 24, 43, 73, 84

## R

Reflexões 11  
regras 10, 25, 73, 77, 78, 79, 92  
relevância 11, 27, 73, 75, 80, 96  
Roteiro 11

## S

socializar 10, 11, 12, 37, 66, 89, 99

## T

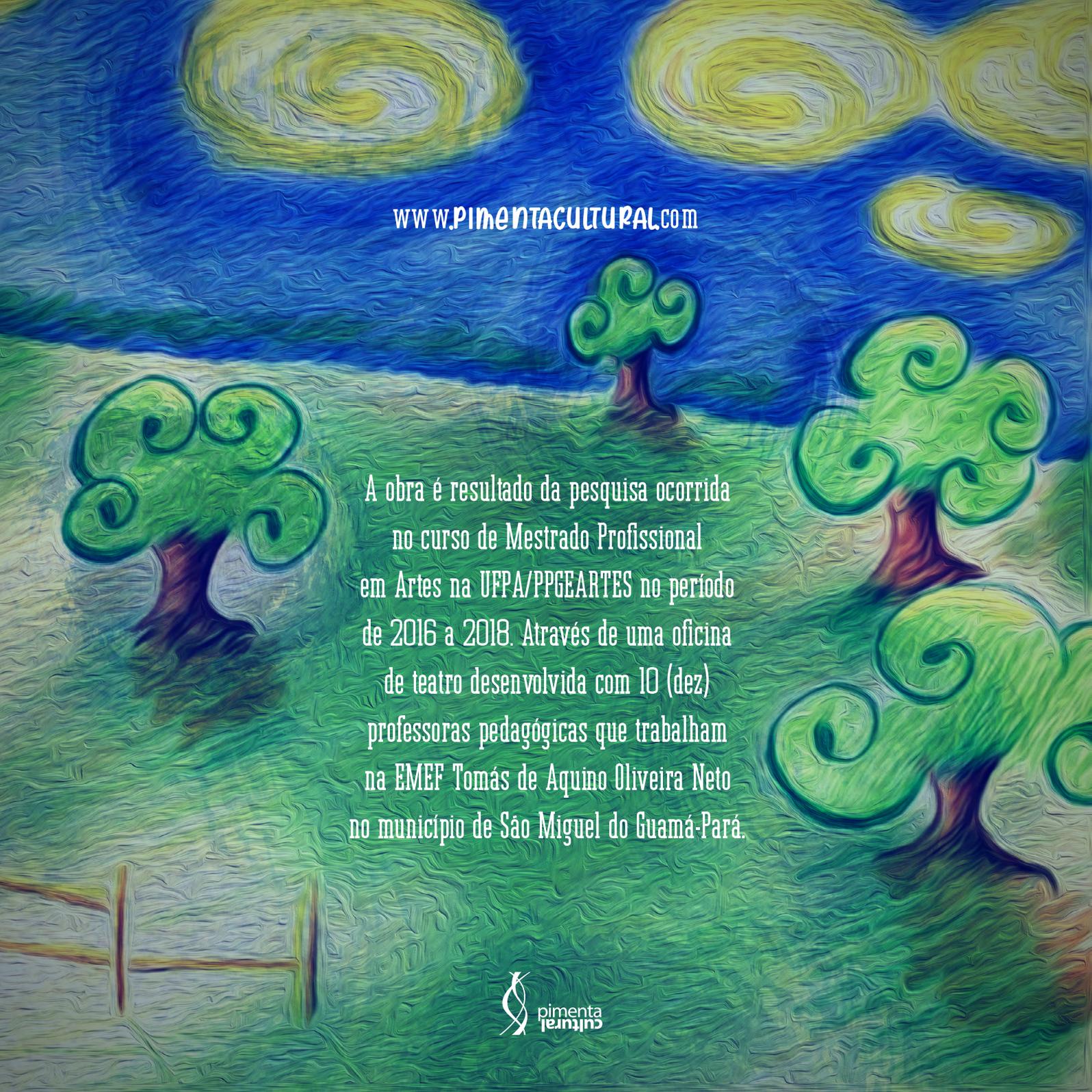
teatral 25, 28, 55, 61, 73, 74, 84, 88, 91, 96  
teatro 11, 12, 23, 26, 29, 30, 32, 40, 41, 51,  
66, 73, 74, 75, 79, 85, 90, 91, 92, 96, 97,  
98, 99, 101  
transformações 10, 25, 87

## U

universidade 11

## V

vivências 29, 85, 88, 89, 94, 96, 99



[www.pimentacultural.com](http://www.pimentacultural.com)

A obra é resultado da pesquisa ocorrida no curso de Mestrado Profissional em Artes na UFPA/PPGEARTES no período de 2016 a 2018. Através de uma oficina de teatro desenvolvida com 10 (dez) professoras pedagógicas que trabalham na EMEF Tomás de Aquino Oliveira Neto no município de São Miguel do Guamá-Pará.